



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA INGLESA**

KALINY ALVES MIRANDA REIS

**A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E O USO DO LIVRO DIDÁTICO NA
DISCIPLINA DE LÍNGUA INGLESA NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL
NA ESCOLA VILA NOVA**

**ARAGUAÍNA-TO
2020.2**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA INGLESA**

KALINY ALVES MIRANDA REIS

**A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E O USO DO LIVRO DIDÁTICO NA
DISCIPLINA DE LÍNGUA INGLESA NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL
NA ESCOLA VILA NOVA**

Monografia foi avaliada e apresentada à Universidade Federal do Tocantins – UFT- Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Letras-Língua Inglesa e Literaturas, para obtenção do título de graduada e aprovada em sua forma final pela orientadora e pela banca examinadora.

Orientadora: Profa. Dra. Miliane Moreira Cardoso Vieira.

**ARAGUAÍNA-TO
2020.2**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

R375r Reis, Kaliny Alves Miranda.

A Residência Pedagógica e o uso do livro didático na disciplina de língua inglesa no 6º Ano do ensino fundamental na Escola Vila Nova. / Kaliny Alves Miranda Reis. – Araguaína, TO, 2021.

54 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Inglês, 2021.

Orientadora : Miliane Moreira Cardoso Vieira

1. Residência Pedagógica. 2. Livro Didático. 3. Língua Inglesa. 4. 6º Ano do Ensino Fundamental. I. Título

CDD 420

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

KALINY ALVES MIRANDA REIS

**A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E O USO DO LIVRO DIDÁTICO NA
DISCIPLINA DE LÍNGUA INGLESA NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL
NA ESCOLA VILA NOVA**

Monografia foi avaliada e apresentada à Universidade Federal do Tocantins – UFT – *Campus* Universitário de Araguaína, Curso de Letras – Língua Inglesa e Literaturas, para obtenção do título de graduada e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação: 12 de abril de 2021.

Banca Examinadora:



Prof^a. Dr^a. Miliane Moreira Cardoso Vieira (Orientadora)



Prof^a. Dr^a. Denise Silva Paes Landim UFT/Araguaína



Prof^a. Dr^a. Vilma Nunes da Silva Fonseca
UFT/Araguaína

ARAGUAÍNA/TO

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que sempre esteve comigo, nos momentos mais difíceis mostrou-me possibilidades fazendo meu coração se encher de esperança, ensinou-me a ter certeza de que eu podia conseguir, e a não desistir dos desafios encontrados durante essa trajetória, e que me deu condições para realizar esse trabalho.

Em segundo, a minha família pela compreensão, pois nem sempre eu pude comparecer aos encontros, as festividades, por sempre me incentivarem, que colaboraram para o sucesso e superação nessa caminhada, em especial a minha mãe que não mediu esforços para que eu pudesse ter um pouco mais de tempo para estudar.

Em terceiro, agradeço a minha querida orientadora Prof^a Dra. Miliane Moreira Cardoso Vieira, por ter aceitado fazer esse trabalho comigo, pela compreensão, que me conduziu com tanta paciência e dedicação, pelas sugestões e ensinamentos que sem dúvidas foram muito importantes para a realização deste trabalho. Agradeço não só pelas sugestões durante as orientações do TCC, mais também a todos os ensinamentos motivadores durante a graduação, as aulas de estágio e orientações durante o Programa de Residência Pedagógica.

Por fim, a todos meus professores da vida inteira, e os professores do curso de LETRAS da UFT, amigos e colegas que de alguma forma contribuíram para a minha formação acadêmica. Agradeço pelo privilégio de ter estudado na Universidade Federal do Tocantins, e ter conhecido pessoas maravilhosas nessa jornada.

RESUMO

O trabalho a seguir tem como tema de estudo o uso do livro didático durante a residência pedagógica de Língua Inglesa na Escola Vila Nova de Araguaína. Objetivamos evidenciar as contribuições da residência pedagógica, principalmente no que tange a análise do uso do livro didático no ensino de língua inglesa, numa turma do sexto ano do ensino fundamental II. Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso com uma abordagem qualitativa, inserido no campo da Língua Aplicada. Para obtenção dos dados realizamos uma análise a partir de relatos produzidos nos relatórios parciais, uma observação participante e, uma análise do discurso de dois professores de LI da escola pesquisada, por meio de aplicação de questionário. Como resultados concluímos que o uso do livro didático pode trazer vantagens ao processo de ensino e aprendizagem de LI, desde que seja utilizado de forma consciente, ativando o pensamento crítico, realizando-se adaptações para o seu contexto, buscando o interesse dos alunos para as aulas, e escolhendo o que usar e o que não usar. Percebemos, também, que o Programa de Residência Pedagógica teve grande relevância, pois foram evidenciadas contribuições de como planejar aulas com o uso do livro didático, alertando sobre o uso consciente do material e a possibilidade do uso não linear do mesmo.

Palavras-chave: Residência pedagógica, Livro didático, Língua Inglesa.

ABSTRACT

The following work has as its subject of study the use of the didactic textbook during the pedagogical residency of English Language at Escola Vila Nova in Araguaína. We aim to highlight the contributions of the pedagogical residency, especially with regard to the analysis of the use of the didactic textbooks in the teaching of English, in a class of the sixth year of elementary school II. This research is characterized as a case study with a qualitative approach, inserted in the field of Applied Linguistics. To obtain the data, we performed an analysis based on reports produced in partial and final reports, a participant observation and an analysis of the speech of two English Language teachers from the school studied, through the application of a questionnaire. As a result, we conclude that the use of the didactic textbook can bring advantages to the teaching and learning process of English Language, as long as it is used in a conscious way, activating critical thinking, making adaptations to its context, seeking the student's interest for the classes, and choosing what to use and not to use. We also realized that the Pedagogical Residency Program had great relevance, as it was evidenced contributions on how to plan classes with the use of the didactic textbook, warning about the conscious use of the material and the possibility of its non-linear use.

Keywords: Pedagogical Residency, Didactic Textbook, English language.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNLD- Comissão Nacional do Livro Didático
COLTED- Comissão do Livro Técnico e Livro Didático
ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio
FENAME - Fundação Nacional de Material Escolar
FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
INL- Instituto Nacional do Livro
LA - Linguística Aplicada
LD - Livro Didático
LI - Língua Inglesa
MEC- Ministério da Educação e Cultura
PLID - Programa do Livro Didático
PLID - Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental
PLIDEM - Programa do Livro Didático para o Ensino Médio
PLIDES - Programa do Livro Didático para o Ensino Superior
PLIDESU - Programa do Livro Didático para o Ensino Supletivo
PNLD - Programa Nacional do Livro Didático
PRP - Projeto Residência Pedagógica
RP - Residência Pedagógica
SGE - Sistema de Gestão Escolar
SEDUC-Secretaria de Estado da Educação
SISU - Sistema de Seleção Unificada
UFT - Universidade Federal do Tocantins
UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo
USAID-Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - O PROJETO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E O USO DO LIVRO DIDÁTICO	14
1.1 O contexto histórico e o PRP na UFT	14
1.2 A trajetória do Livro Didático no Brasil e o uso no ensino de LI	17
Capítulo II - COMPREENDENDO E CARACTERIZANDO A PESQUISA ...	23
Capítulo III - ENTENDENDO COMO O LIVRO DIDÁTICO TEM SIDO USADO NO CONTEXTO DE PESQUISA	29
3.1 A observação participante e o uso do LD nas aulas de LI	29
3.2 O uso do LD pelo olhar dos professores de LI	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICE	51
ANEXOS	56

INTRODUÇÃO

Sou acadêmica de Letras/Língua Inglesa, comecei a estudar na Universidade Federal do Tocantins (UFT) por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e Sistema de Seleção Unificada (SISU). No quinto período do curso, surgiu a oportunidade de participar do Projeto Residência Pedagógica (PRP). Quando esse projeto foi apresentado na UFT, decidi participar porque é um projeto que visa aperfeiçoar os conhecimentos historicamente produzidos sobre a formação e a profissionalização do professor, possibilitando aos residentes um convívio direto com a vida escolar (PALMAS, 2018).

Através do PRP, passamos mais tempo na escola campo, realizamos e participamos de atividades que os professores realizam cotidianamente, como: conhecer o funcionamento do Sistema de Gestão Escolar (SGE), participar de formação continuada, conselho de classe, reuniões de professores, coordenadores e gestores, e realizar projetos interventivos em busca de conhecimentos para os alunos. Desta forma, os residentes têm mais tempo com os professores e funcionários da escola campo e a oportunidade de ministrar mais aulas. Conseqüentemente, tive mais tempo com os alunos, podendo conhecer o contexto em que cada um deles está inserido.

No PRP as atividades foram desenvolvidas com orientação de uma professora Orientadora da universidade e do acompanhamento do professor preceptor da escola campo. Estive no projeto desde agosto de 2018 a janeiro de 2020, nesse período foi uma experiência significativa. O PRP permitiu a mim residente sentir-me mais perto da realidade da escola, sentir que ser professora não é somente ministrar aulas, mas também planejar e participar de atividades didático-pedagógicas que são necessárias em uma escola. E a residência possibilitou tudo isso a mim enquanto acadêmica.

Os planejamentos aconteciam semanalmente entre o professor preceptor e o residente na escola campo. Nesses encontros tanto o preceptor como residentes podiam trocar ideias em relação às regências e o preceptor com sua experiência podia ajudar os residentes em como a aula ou o conteúdo poderia ser executado. Os residentes também podiam contribuir com ideias e sugestões através de adaptações de conteúdos com os materiais didáticos. Embora houvesse receio quanto ao uso do livro didático na escola campo, sob a justificativa principal de que a maioria dos conteúdos programáticos da escola não eram encontrados nos livros.

O primeiro momento na escola foi para ambientação do residente na escola campo e

o segundo momento imersão do residente na escola campo para observação e regências, ambos realizados em uma escola de ensino fundamental. No período da regência no PRP tive a oportunidade de estar na Escola Estadual Vila Nova. Isto foi algo totalmente novo e desafiador, ainda mais por ser o primeiro período de regência em uma turma de 6º ano do ensino fundamental, uma fase em que os alunos têm o primeiro contato com o ensino de língua estrangeira na escola. Nas primeiras aulas muitas perguntas surgiram, tais como: Como trabalhar certos conteúdos? E como tornar as aulas mais interessantes, que atraíssem a atenção dos alunos? Para isso pensei em resgatar o uso do livro didático (LD) como mais um complemento para as aulas de língua inglesa.

A coleção adotada pela escola e escolhida pelos professores para o triênio 2017-2019 foi o livro IT FITS (COUTO, 2015). Então, o LD de LI que utilizamos no período de residência pedagógica, em que tivemos a oportunidade de participar na Escola Estadual Vila Nova, foi o IT FITS. No triênio 2017-2019 de acordo com o FNDE e o PNLD, a coleção IT FITS estava entre as coleções mais distribuídas dos anos finais do ensino fundamental, se encontrando na 4º posição com (1.276.812) em quantidade de exemplares distribuídos pelo país. O LD da pesquisa em questão da coleção IT FITS possui oito capítulos, e o estudo foi feito com base na exploração desses capítulos do LD nas aulas de LI.

A Escola Estadual Vila Nova foi construída em 1991, em uma área de invasão para atender a comunidade do bairro Vila Norte, situada na zona urbana periférica de Araguaína, possuindo na sua implantação somente duas salas de aulas. Esta Unidade Escolar desde a sua criação até os dias atuais teve cinco diretoras e três diretores. Um dos projetos destaque na escola que acontece desde 2001 é o projeto de leitura e escrita com publicação do livro poetas na Escola.

Os próprios alunos criaram os símbolos e o hino, e estes ainda hoje permanecem. Entre seus vários ex-alunos desde que a escola abriu suas portas, há poetas universitários, agentes comunitários, professores, advogados, contadores, enfermeiros, entre outras profissões. Hoje há um quantitativo de cerca de 500 alunos divididos em segunda fase do Ensino Fundamental, EJA com 1º, 2º e 3º segmentos e sala de recursos (Atendimento Educacional Especializado). Os alunos, na sua maioria, provêm de famílias carentes, semianalfabetas e grande parte tem a mãe como provedora do lar.

A Escola Vila Nova tem procurado juntamente com equipe escolar no decorrer de sua existência atender o princípio de que o acesso à escola é um direito de todos independentemente de sua idade ou classe social, por isso o programa Escola Comunitária

de Gestão compartilhada, foi implantado em 1996 na escola, a partir da Associação de Apoio ao professor e aluno. Fruto da credibilidade conquistada junto a sua comunidade escolar e dos recursos e programas implantados pelo Estado e união, como FNDE, PDDE, PNAE, Programas Mais Educação, fundamentais ao desenvolvimento e sucesso da escola.

Neste trabalho de conclusão de curso temos o objetivo de analisar de que forma o livro didático tem sido utilizado no ensino de língua inglesa (LI), em uma turma de 6º ano do ensino fundamental II, ao longo das regências no PRP, verificando a questão do saber lidar com o uso do livro didático e adequar ao conteúdo curricular. Desta forma, para a presente pesquisa buscaremos responder a seguinte pergunta: Como o livro didático vem sendo utilizado nas aulas de Língua Inglesa do sexto ano na escola Vila Nova em Araguaína-TO?

Com o uso do LD podemos aproximar os alunos de diferentes culturas, associar as palavras desconhecidas com as imagens (*pictures*) do livro, e possibilitar uma maior interação entre professor e alunos e o material didático. Assim, acreditamos, também, que poderíamos promover aos alunos interesse, estimular a capacidade imaginativa e o desejo/motivação de participar das aulas.

A metodologia do trabalho se faz por meio do estudo de caso com uma abordagem qualitativa, a partir da análise de relatos produzidos em relatórios parciais, da observação participativa e da aplicação de questionário para dois professores de LI, do 6º ao 9º ano do ensino fundamental da escola Vila Nova. A turma pesquisada neste trabalho em questão foi o 6º ano. A escolha por uma turma de 6º ano adveio por se tratar de uma série inicial do ensino fundamental II, quando esses alunos têm o primeiro contato com a língua inglesa na escola.

Quanto ao embasamento teórico, prosseguiremos, a princípio com as visões de Ludwig e Machado (2017), Tilio (2008), Sarmiento e Lamberts (2016a), Sarmiento e Lamberts (2016b), Silva (2017), Santos Filho, Viñal Junior e Amorim (2020). Estes autores abordam sobre o uso e o papel do livro didático no ensino de língua estrangeira. Os mesmos priorizam o uso do livro didático não como a única ferramenta de ensino, mas que “[...] serve para auxiliar o aluno a construir conhecimentos relevantes” (TILIO, 2008, p.122), possibilitando ao professor repensar a forma que está utilizando o material. Temos ainda as visões de Alencar, Santos, Lourenço e Silva (2020) que nos informa sobre desafios encontrados no ensino e aprendizagem de LI no ensino básico.

Em contrapartida, temos a visão crítica de Tilio (2008), que fala que o não saber lidar com o LD pode gerar restrições, pois a forma autoritária que o LD apresenta as

informações pode ser considerada como única verdade, limitando o pensamento. As autoras Sarmiento e Lamberts (2016a e 2016b) apontam vantagens ao professor em saber utilizar o LD, desde o processo de escolha do material a autonomia do professor em saber que partes do livro usar, sempre adequando o conteúdo programático e o contexto local e fazendo adaptações nessessárias para que haja os melhores resultados em sala de aula. Vale ressaltar que durante o PRP eram realizadas as leituras dos seguintes documentos norteadores Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Sendo esse trabalho de pesquisa direcionado ao ensino e aprendizagem com o uso do livro didático, em uma turma de 6º ano em uma escola de Araguaína. Visamos através deste, buscar reflexões sobre formas/maneiras de utilização do livro didático, que propiciem o aprendizado do aluno e estimule o desenvolvimento do pensamento crítico, imaginativo, criativo e participativo nas aulas de LI ainda que, nem todos os conteúdos programáticos da escola estejam em concordância com o livro didático.

Assim, este trabalho está organizado da seguinte forma: No capítulo um intitulado *O projeto residência pedagógica e o uso do livro didático* buscamos situar o leitor com um breve histórico da residência pedagógica, bem como retratar algumas experiências de residência pedagógica já experimentada no país e, ainda apresentar considerações sobre a trajetória do LD no Brasil e o uso no ensino de LI. No capítulo dois, denominado *Compreendendo e caracterizando a pesquisa*, trata da compreensão dos procedimentos metodológicos, bem como da natureza da pesquisa. No capítulo três, intitulado *Entendendo como o livro didático tem sido usado no contexto de pesquisa*, procuramos realizar uma análise sobre uma prática participante com uso do LD, por meio dos relatórios e dos discursos dos professores participantes da pesquisa, através de um questionário.

A partir disso, considerando que o interesse em pesquisar sobre o uso do livro didático, aconteceu em virtude da oportunidade de ter participado do PRR, a seguir abordaremos o contexto histórico desse programa de residência pedagógica e sobre o uso do LD.

CAPÍTULO I

O PROJETO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E O USO DO LIVRO DIDÁTICO

1.1 O contexto histórico e o PRP na UFT

O programa de Residência Pedagógica trata-se de uma experiência nova para a Universidade Federal do Tocantins e para todo o estado do Tocantins, porém no sentido amplo de Brasil não se trata de um programa ou experiência nova, conforme Palmas (2018),

No sentido amplo, não se trata de um programa, nem experiência nova. A proposta de uma Residência Pedagógica enquanto política pública de formação inspira-se na Residência Médica com várias experiências no país, dentre elas podemos destacar que em 2006, uma experiência de Residência Pedagógica foi desenvolvida na universidade Federal de São Paulo, Campus Guarulhos, juntamente com o curso de Pedagogia. (PALMAS, 2018, p. 02)

A Residência Pedagógica, desenvolvida e implementada em 2006 na região metropolitana no campus UNIFESP em Guarulhos - São Paulo, juntamente com o curso de Pedagogia baseada na residência médica, foi uma das primeiras experiências de Residência Pedagógica pelo país. Esta funcionou com a imersão dos acadêmicos na escola durante um mês consecutivo. Os residentes durante um mês integralmente realizavam as atividades propostas pela residência e participavam de todas as atividades da escola com acompanhamento do professor preceptor.

Além da experiência de Residência pedagógica em Gurulhos em 2006, tivemos as experiências da Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Estadual do Rio de Janeiro, de acordo com Palmas (2018).

Podemos destacar também outras experiências como o projeto de Residência Docente criado em 2011 no Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais, que recebia estagiários de diferentes unidades da universidade; projeto implantado pela Universidade Estácio de Sá a partir da reforma curricular do curso de pedagogia no final do ano de 2007; e a experiência da Faculdade de formação de professores da universidade Estadual do Rio de Janeiro (FFP-UERJ) com o programa de Regência Docente do Colégio Pedro II, iniciado em 2012. (PALMAS, 2018, p. 02)

Estas experiências de Residência citadas acima, dos dois colégios de aplicação Universidade Federal de Minas Gerais e Colégio Pedro II eram destinadas para professores já formados, funcionava mais como uma formação complementar para professores habilitados à docência na educação básica. A Residência docente nesses dois colégios de aplicação é

considerada pela CAPES como uma forma de aprimoramento da formação do professor da educação básica, e a prioridade para participação do programa era para os profissionais com menos tempos de formação, com menos idade.

Assim baseada em algumas experiências, mesmo sendo experimentos locais, a CAPES revitaliza o PRP nos termos do edital 06/2018, mas agora abrangendo todo o país, para o qual afirma Palmas (2018).

O Programa se coloca com uma ação implementada pela CAPES para atender aos objetivos da política Nacional de Formação de Professores da Educação Básica do Ministério da Educação. O programa é direcionado aos discentes de curso de licenciatura das Instituições de Ensino Superior IES (públicas e privadas) visa fomentar projetos inovadores que estimulem a articulação de teoria e prática nos cursos de licenciatura e sejam desenvolvidos, exclusivamente, em parceria com as redes públicas de educação básica. (PALMAS, 2018, p. 03)

O PRP é direcionado para discentes de licenciaturas de instituições superiores e possibilita aos residentes produzirem projetos inovadores, pois passam mais tempo na escola campo e são convidados à articular os conhecimentos teórico-práticos adquiridos na universidade com a prática na escola. E esse movimento do residente de conjugar conhecimentos da escola campo e da universidade proporciona uma troca de ideias inovadoras a serem desenvolvidas em ambos os locais.

O projeto Institucional da Residência Pedagógica da Universidade Federal do Tocantins (UFT) traz como enfoque a articulação teoria-prática na formação docente e tem como objetivo principal promover uma formação em licenciatura que articule os diversos saberes dos licenciados com os conhecimentos historicamente produzidos sobre a formação, profissionalização, profissionalidade e o trabalho docente, nas condições objetivas e subjetivas (PALMAS, 2018).

De acordo com Projeto Institucional de Residência Pedagógica da Universidade Federal do Tocantins, o PRP trata do campo da formação docente, e integra a política de formação de professores, visa articular teoria e prática nos cursos de licenciaturas. O programa pode promover ao licenciando grande aprendizado na formação prática, pois conhecimentos teórico-práticos adquiridos na RP podem ser colocados em prática na escola campo de educação básica e na universidade.

Quanto as etapas da RP, iniciamos com a formação de preceptores e residentes. Nesta primeira etapa os professores preceptores e os residentes participaram do curso de formação desenvolvido pela universidade, composto por um seminário e seguido por encontros e

reuniões com orientador, preceptores e residentes. O objetivo do curso de formação foi formar preceptores e residentes da Residência Pedagógica por meio de estudo teórico e prático, que aconteceu com uma carga horária de 60 horas a partir de cinco ações: 1ª) planejamento dos processos formativos, que aconteceram mediante reuniões, estudos e preparação do orientador; 2ª) nivelamento e socialização da equipe, que aconteceram por meio de reuniões e encontros entre professor orientador, os professores preceptores e os residentes; 3ª) mobilização e socialização da proposta junto às escolas-campo, que foram operacionalizados por meio de reunião e encontro com as redes e visita às escolas-campo; 4ª) construção de instrumentos e preparação dos recursos a serem utilizados na escola-campo; e 5ª) formação dos preceptores e preparação dos residentes.

Em seguida, os residentes tiveram o período de ambientação com a carga horária de 60 horas (outubro/2018 a janeiro de 2019), que consistiu em visitar as dependências da escola para realização de diagnósticos sobre os aspectos gerais da educação e da escola campo. Foram feitas observações e identificações das necessidades do ambiente escolar para então levantar anseios sobre as dificuldades e os principais interesses da escola e dos professores envolvidos.

Posteriormente, no período de imersão, com a carga horária de 320 horas (fevereiro/2019 a novembro/2019), as atividades são construídas e planejadas de maneira didático-pedagógica. Nessa etapa são executadas as observações participantes e as regências, incluindo aspectos da BNCC trazidos pela RP como abordagem obrigatória. Posteriormente, as aulas ministradas no período de imersão são socializadas e debatidas, a fim de verificar se estão entre as proposições estudadas, planejadas e executadas de acordo com diagnóstico construído (PALMAS, 2018). O acompanhamento das atividades da RP durante a imersão se dava por meio do preenchimento de fichas de frequência, da feitura de portfólios das atividades desenvolvidas pelos residentes e de reuniões com docente orientador, preceptores e residentes, por meio de socialização e avaliação.

Por fim, ocorreram as duas últimas etapas: da socialização e do relatório final. A fase de socialização com uma carga horária de 40 horas (novembro/2019 a janeiro/2020) foi o momento de orientador, preceptores, residentes e profissionais da escola-campo socializarem e avaliarem os impactos e as contribuições da RP. Nesta etapa houve a realização de um seminário com exibição de registros (fotos e vídeos) do que aconteceu durante o programa. A fase do relatório final, com uma carga horária de 40 horas (novembro/2019 a janeiro/2020) foi primordial para o residente refletir sobre a prática docente e todo o aprendizado que a RP proporcionou desde o início.

Dessa forma, o residente pode participar do programa e estar na escola campo a partir da segunda metade do seu curso. Na escola pode desenvolver diversas atividades como regências de sala de aula, planejamento de aulas com sugestões inovadoras, adaptações de certos conteúdos, intervenções pedagógicas, participar de reuniões, formações continuadas e conhecer o funcionamento do SGE. Todas essas atividades realizadas pelo residente, como mencionadas anteriormente, são acompanhados por um professor preceptor da escola campo e sob a orientação de uma professora orientadora da universidade. Assim, o PRP possibilitou ao residente mais tempo na escola, um convívio direto com a vida escolar e uma aproximação da universidade e da escola. Na próxima seção, abordaremos o contexto histórico do livro didático e uso desse material.

1.2 A trajetória do Livro Didático no Brasil e o uso no ensino de LI

Podemos dizer que o LD alcançou grande importância na sociedade, principalmente o de língua inglesa, assim nesta seção abordaremos uma breve trajetória do LD no Brasil. Conforme Sousa (2015, p.37) nossos primeiros sistemas de estudos foram marcados pela participação ativa dos Jesuítas nos séculos XVI e XVIII. Naquela época os livros didáticos utilizados no Brasil eram trazidos da Europa e todos escritos em latim. Para Lima e Quevedo-Camargo (2008, p.05), os LD eram solicitados pelos missionários Jesuítas para o ensino brasileiro, entretanto, nem todos dominavam o latim. Por isso gerou insatisfação e a necessidade de solicitar livros em outras línguas, principalmente livros de língua inglesa e espanhola.

Assim, o Brasil encontrava-se dependente da Europa para adquirir os LD. Segundo Lima e Quevedo-Camargo (2008), a importação de material didático ocorreu pelo seguinte fato:

Devido ao fato do Brasil não ter condições técnicas para a produção local de livros e pelo fato da metrópole colonizadora não permitir a existência de tipografias em território nacional, a prática de importação permaneceu até o século XIX, através da Europa, principalmente França e Portugal. (LIMA; QUEVEDO-CAMARGO, 2008, p.05)

O início do século XIX foi marcado pela chegada da família real, que realizou a instalação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro, que tinha a função de imprimir principalmente papéis diplomáticos provenientes das repartições reais. Por conseguinte, representou o fim da proibição de instalação de tipografia em nosso país. Desde então,

surgiram alguns livros impressos no Brasil.

Segundo Sousa (2015, p.38), na década de 1930, no governo do presidente Getúlio Vargas, foram realizados programas voltados para a educação, com a produção de livros didáticos escritos por autores brasileiros para várias matérias. Todavia esses lançamentos ainda não contemplavam o LD de LI, ainda continuavam sendo importados, por causa do decreto nº 20.833 de 21 de setembro de 1931, que determinava o uso do método direto (ensino da língua através da própria língua) (LIMA; QUEVEDO-CAMARGO, 2008).

O número de escolas começou a se expandir no início dos anos 60 durante o governo de Juscelino Kubitschek em virtude da democratização no ensino, característica do governo de Kubitschek que tinha respeito por instituições democráticas. Com isso aumentou o interesse por parte das editoras em relação à venda dos LD. Em consequência dessa expansão, finalmente conforme Lima e Quevedo-Camargo:

O LD de inglês começa a ser escrito por autores nacionais, editados e impressos no Brasil de forma mais massificada. As escolas passam a ter a opção de trabalhar com um livro impresso no Brasil, pela facilidade de acesso ao material, devido ao acesso direto das editoras; a variedade de materiais; adequação dos mesmos ao perfil do aluno e principalmente o preço mais acessível. (LIMA; QUEVEDO-CAMARGO, 2008, p.06)

Contudo, a visão de que LD escritos por autores internacionais persistia como vantagem, algumas escolas ainda preferiram continuar com a compra de livros importados por serem escritos por autores nativos, acreditava-se que apresentavam melhores aspectos culturais estrangeiros. Conforme Silva (2016, p.188) a regulamentação do LD deu-se por meio de fatores políticos, ideológicos, sociais e econômicos. Com início em 1929, através da criação do Instituto Nacional do Livro (INL), o LD passou a ser regulado pelo governo. Cujo, objetivo do programa era legislar e contribuir para o aumento da produção de livro didático. Mas só em 1934 que o INL começou a receber atribuições e conseqüentemente houve crescimento no número de biblioteca pelo país.

Posteriormente, tivemos a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), responsável por estabelecer controle na produção e circulação. De acordo Silva (2016) o país encontrava-se no período do novo estado, com uma política autoritária. Assim, o programa procurava assegurar a fiscalização para que o LD tivesse uma identidade nacional. O que segundo Silva (2016, p.189) “os aspectos avaliativos de tal instrumento valiam-se muito mais de critérios político-ideológicos do que pedagógicos”.

Ademais, se estabeleceu em 1967 a Fundação Nacional de Material Escolar (FENAME), responsável pela produção e distribuição do material didático para as escolas. No

entanto, de acordo com Silva (2016, p. 190) não contava com uma organização administrativa de custos financeiros para desempenhar suas funções. Em consequência surgiu a necessidade de buscar um sistema de coedição com as editoras nacionais.

Alguns anos depois, tivemos a Comissão do Livro Técnico e Didático (COLTED) responsável por desempenhar as funções de aperfeiçoamento do livro didático, produção, edição e distribuição. Conforme Silva (2016, p.190) em 1970 houve um acordo entre o governo brasileiro (Ministério da Educação e Cultura - MEC) e americano (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional – USAID) para a criação da COLTED. Segundo o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) esse acordo proporcionou benefícios relevantes ao MEC, assim, foi possível a distribuição gratuita de 51 milhões de livros didáticos, em um período de três anos.

Na época, de acordo com Silva (2016) críticos da educação brasileira teceram críticas em relação ao programa COLTED. Por acreditarem que por trás da USAID havia um controle americano rígido em relação ao conteúdo das escolas brasileiras e o conteúdo do LD. E por não ter apresentado resultados satisfatório a COLTED motivou uma comissão de inquerito a apurar irregularidades do programa, até que a COLTED findou em 1971.

O INL se aperfeiçou em 1972 em conjunto com as editoras criando um programa de coedição, denominado Programa do Livro Didático (PLID), esse programa abrangia os diferentes níveis de ensino: Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLID); Programa do Livro Didático para o Ensino Médio (PLIDEM); Programa do Livro Didático para o Ensino Superior (PLIDES) e Programa do Livro Didático para o Ensino Supletivo (PLIDESU). Em 1976, o INL foi liberado da responsabilidade com coedição dos livros, passando essa responsabilidade para a Fundação Nacional do Material Escolar (FENAME). O programa de coedição findou-se em 1984, quando o MEC passou a comprar livros de editoras que participavam do PLID.

Conforme Silva (2016), finalmente em 1985 o programa foi denominado Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e tinha o intuito de atender todos os alunos de primeira a oitava série do primeiro grau das escolas federais, estaduais, territoriais, municipais e comunitárias do país. Em 1996, o FNDE, vinculado ao MEC ficou responsável pela execução do PNLD, que passou a contar com uma comissão avaliadora da qualidade dos livros didáticos, antes de serem enviados para a escola pública.

Atualmente, pode-se dizer que o LD é um dos recursos mais comuns para o ensino de língua inglesa, tanto nas escolas regulares como nos cursos de língua. Mas, esta realidade somente aconteceu a partir de 2011, segundo Ferreira e Camargo (2014) até o ano de 2011 os

livros de língua inglesa não passavam por uma avaliação. Mesmo com a implantação do PNLD em 1985, o mesmo só passou a avaliar e enviar os LD de Língua Inglesa para as escolas apenas em 2011, para que os professores pudessem escolher o material que melhor se adequasse a realidade de cada escola. Então, em 2011 foi incluso o LD para o ensino fundamental e 2012 para o ensino médio. O uso do LD nas escolas regulares e nos cursos de línguas passou a ganhar maior proporção, uma vez que passou a alcançar mais professores e alunos, devido ao rigoroso processo de avaliação.

Deste modo, o PNLD sugere que é do professor a decisão de escolher entre um livro e outro para ser usado em sua escola, porque é quem está mais próximo do aluno, então a análise e escolha poderia ocorrer com base no conhecimento da realidade de ensino e aprendizagem, pois como afirma Silva (2017),

[...]é o professor o agente que está mais próximo do aluno, que conhece sua realidade de ensino e de aprendizagem e que deve, conforme preconizado pelo programa, analisar e escolher os livros que serão utilizados em sua escola. Em última instância, é do professor a decisão de escolha de um ou outro livro didático, decisão essa a ser informada aos gestores do PNLD para guiar a compra e distribuição das obras. (SILVA, 2017, p.139)

O uso do livro didático no ensino e aprendizagem nas aulas de língua inglesa podem contribuir significativamente para aproximar os alunos de várias culturas e promover o pensamento crítico. E isso pode estar relacionado diretamente com a forma na qual o professor utiliza o LD na sala de aula, ou seja, se tem habilidade quanto ao uso. Segundo Tilio (2008), o professor precisa saber lidar e demonstrar habilidade com o uso do livro didático. Ao não saber lidar com o material, a “forma como são utilizados, os livros didáticos podem oferecer diversas restrições e visões limitadas de um determinado assunto” (TILIO, 2008, p.120).

Com a experiência do PRP, observamos que havia certo receio do professor preceptor quanto a utilização do livro didático no ensino de Língua Inglesa no ensino básico. Uma das razões para isto, talvez seja pela escolha do LD não se adequar a realidade ou necessidade do aluno, ocasionando a dificuldade do professor em planejar suas aulas. E isso pode ocorrer por vários fatores. Tilio (2008) nos informa que:

Isso porque inúmeros outros fatores são considerados para a sua escolha: abrangência do conteúdo do curso, recurso didáticos que facilitem o trabalho do professor, convênios com autor/ editora, etc. As necessidades e realidade do aprendiz não ocupam, muitas vezes, as posições prioritárias. (TILIO, 2008, p. 121).

Tilio (2008) pontua que no processo de escolha do livro muitos fatores são considerados e, por isso muitas vezes as necessidades e realidade do aluno não estão dentro das posições prioritárias, como exemplo, nem sempre o livro escolhido pelo professor (o agente que conhece a realidade de ensino e aprendizagem) será o comprado pelo MEC. Silva (2017) justifica esse desencontro, pontuando que somente após a avaliação dos livros e indicação pelas escolas é que o MEC negocia a compra, e as editoras podem não aceitar a negociação ou ainda não estarem em condições de venderem para o governo o livro escolhido por causa de pendências.

Outra crítica bastante ouvida dos professores em relação ao livro didático é que os conteúdos programáticos da escola não estarem no livro, e que por isso leva-os a deixar de utilizar nas aulas de língua inglesa, deixando de ser utilizado como um complemento, uma alternativa pedagógica para as aulas, conforme Ludwing e Machado (2017):

[...] percebe-se a necessidade de buscar alternativas pedagógicas que atraiam a atenção e despertem no aluno o interesse pelas aulas de inglês no desenvolvimento de atividades pelo professor. Neste sentido, a escolha de livros didáticos como ferramenta complementar no processo de ensino e aprendizagem é de grande importância para despertar a consciência crítica intercultural do aluno. (LUDWIG; MACHADO, 2017, p.127-128)

O uso do livro como uma ferramenta complementar pode promover a consciência crítica e motivacional do aluno. No entanto, o educador precisará auxiliar o aprendiz no uso desse material, buscando várias alternativas que contribuam para o conhecimento. Pensar em várias possibilidades atrativas em uma turma de 6º ano de língua inglesa do ensino básico, quando os alunos têm os primeiros contatos com a língua inglesa é também uma oportunidade de motivá-los a aprender uma língua estrangeira, de acordo com Ludwig e Machado (2017):

O livro didático busca contribuir para o processo de desenvolvimento cognitivo do aluno e pode ser um valioso instrumento de pesquisa e análises social, sendo também de grande valia para o educador, pois trabalha tanto com elementos subjetivos quanto da dinâmica das relações sociais, além dos recursos audiovisuais. (LUDWIG; MACHADO, 2017, p.128)

Assim de acordo com Ludwig e Machado (2017), o livro didático tem buscado contribuir para a capacidade de desenvolvimento do pensamento e compreensão do aluno, possibilitando também ao professor utilizar como uma fonte de pesquisa de análises social. O uso do LD pode ampliar o próprio pensamento em relação à dinâmica das relações

sociais, acrescentando ainda os recursos audiovisuais que estão cada vez mais presentes no material, promovendo aos alunos desenvolvimento auditivo e visual na aprendizagem de língua inglesa. No próximo capítulo abordaremos sobre os procedimentos metodológicos.

Capítulo II

COMPREENDENDO E CARACTERIZANDO A PESQUISA

Quanto ao contexto metodológico de pesquisa, este estudo se insere no campo da Linguística Aplicada (LA), visto que hoje, se mantém no centro de seus interesses várias questões, “desigualdades sociais, políticas, étnicas, culturais das comunidades de aprendizes de língua, maternas ou estrangeiras com as quais entra em contato, ou pela via do ensino, ou da pesquisa” (KLEIMAN; VIANNA; DE GRANDE, 2019, p. 725). Cujo, o ensino é nosso interesse de pesquisa neste trabalho,

A amplitude da definição de LA como uma área que se interessa por problemas da vida social na qual a linguagem tem papel central possibilita o desenvolvimento de tipos variados de pesquisa, no que se refere ao objeto pesquisado, seja pelas teorias mobilizadas para a investigação, seja pelos modos de realizá-la. Então, para refletir sobre as diferenças e semelhanças neste campo de atuação ao longo de 50 anos, torna-se central refletir sobre os fatores que influenciam na constituição de um recorte significativo para a LA contemporânea, o que depende da natureza do objeto e da concepção de pesquisa. (KLEIMAN; VIANNA; DE GRANDE, 2019, p.730-731)

É amplo o campo de definição da LA, na qual se interessa por problemas da vida social, e a linguagem ocupa um papel central para a realização dos diferentes tipos de pesquisas, sejam pelo viés da teoria ou da investigação. Assim, para refletir sobre as semelhanças e diferenças desse campo de atuação é necessário refletir também sobre o recorte significativo contemporâneo da LA e, para isso depende da natureza do objeto ou da concepção de pesquisa. Ou seja, vem se (re)construindo o modo de fazer as abordagens em seus objetos de pesquisas, para o qual afirma Kleiman, Vianna, De Grande (2019):

Essas abordagens, atualmente, se sustentam em arcabouços teóricos que enfocam contextos situados, em circunstâncias de comunicação variadas, nas quais a língua e o discurso são utilizados por agentes sociais que assumem posições enunciativas, atribuem e (re) negociam sentidos, constroem identidades. Para estudar essas situações, a pesquisa em LA mobiliza metodologias analíticas que concebem a linguagem em uso, como discurso. (KLEIMAN; VIANNA; DE GRANDE, 2019, p.731)

A LA em suas origens não estava inserida em uma perspectiva discursiva e, sim fundamentada por teorias estruturalistas. Só após as reconstruções ao longo dos anos fez a LA tomar por base teorias linguísticos-enunciativo-discursivas, com essa diferença parece ocasionar uma ruptura entre a LA de antes e a de hoje. Atualmente o objetivo do linguista aplicado é compreender e valorizar práticas,

conhecimentos e concepções de vida dos subalternos ou dos invisibilizados nos trabalhos acadêmicos, não basta apenas à adoção de métodos interpretativos juntamente com a contribuição de diferentes disciplinas para a compreensão do mundo social. Para que ocorra a valorização das práticas e conhecimentos, a LA passou a desenvolver os estudos de maneira situada, ou seja, projetos desenvolvidos com a interdisciplinaridade, uma vez que em uma disciplina possui vários recortes disciplinares, várias perspectivas e múltiplas facetas no objetivo de pesquisa.

Quanto ao tipo de pesquisa, para obter os objetivos deste trabalho, utilizou-se o estudo de caso. Vale ressaltar que o estudo de caso não é apenas uma tática para coletar dados nem mesmo uma característica do planejamento de pesquisa em si, e sim uma estratégia de pesquisa abrangente. Desta forma, essa pesquisa se caracteriza por englobar o processo de maneira completa como: planejamento, abordagens específicas a coleta e análise dos dados.

Pode-se classificar esta pesquisa como estudo de caso único, porque busca descrever e analisar um único problema, mas em um contexto de uma organização onde há variáveis a serem analisadas. O tipo de pesquisa estudo de caso, de acordo com Severino (2016, p. 128).

[...] se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo. A coleta dos dados e sua análise se dão da mesma forma que nas pesquisas de campo, em geral. (SEVERINO, 2016, p 128)

Apesar de se concentrar em um fenômeno particular, o estudo enfoca eventos contemporâneos em uma compreensão holística do contexto de pesquisa e suas múltiplas dimensões. Os instrumentos para gerações de dados no estudo de caso podem vir de fontes distintas como: documentos, entrevistas e observação participante. E para usar qualquer um desses instrumentos, requer do pesquisador habilidade e procedimentos metodológicos distintos.

Assim, buscamos compreender através de uma observação participante como ocorre o uso do LD no 6º ano nas aulas de língua inglesa, na Escola Vila Nova. Para tanto, analisaremos, também, os relatos dos relatórios parciais da RP de duas residentes que não serão identificadas nos excertos dos relatórios porque a escolha se deu por trabalharem com turma do 6º na Escola Vila Nova, mas vale ressaltar que uma das residentes é também a pesquisadora, usamos também questionários respondidos por dois professores da unidade, em relação ao uso deste material, o que eles pensam sobre, como acontece o processo de escolha e como o LD é trabalhado pelos os professores no contexto de pesquisa.

Os docentes que responderam o questionário foram dois, um professor e uma professora ambos da mesma instituição pesquisada. Ambos formados em Letras, a professora habilitada em dupla licenciatura Português/Inglês, leciona há alguns anos a disciplina de inglês. O professor, que é também o preceptor dos residentes da RP que passaram pela Escola Vila Nova, é habilitado apenas em Língua Portuguesa e Literaturas, por isso, segundo o mesmo, foi um desafio engrandecedor trabalhar com a Língua Inglesa, durante o PRP. Tal fato acontece por falta de professores formados em língua inglesa, sendo comum que professores graduados em Língua Portuguesa lecionem a disciplina de LI.

Para estes dois docentes serão usados pseudônimos ao longo de toda a pesquisa. A professora Charlotte Dias Sampaio com aproximadamente 12 anos de experiência docente, possui vínculo efetivo com a escola em que se realizou a pesquisa; não participou da RP durante o PRP, ela foi responsável por uma parte das turmas de LI. O professor Demétrius Monteiro Carvalho, preceptor da RP na Escola Vila Nova, possui 4 anos de experiência na rede pública de ensino, no entanto é contratado; durante o PRP acompanhou os residentes em uma trajetória riquíssima de trocas de conhecimentos.

A escolha por esses docentes ocorreu pelo seguinte fato, os dois profissionais eram professores de língua inglesa da escola pesquisada, sendo o professor Demétrius o professor preceptor responsável por partes das turmas incluindo o 6^o ano e a professora Charlotte responsável por partes das turmas de LI, entretanto não participava da RP.

Inicialmente, a geração dos dados foi instrumentalizada por uma observação participante, na qual a pesquisadora fazia parte da organização estudada, que ocorreu durante o PRP. A imersão na instituição de ensino fundamental teve duração de um semestre. Em relação a observação participante, Severino caracteriza-a como,

Aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Para interagir com ele em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos. Observando as manifestações dos sujeitos e as situações vividas, vai registrando descritivamente todos os elementos observados bem como as análises e considerações que fizer ao longo dessa participação. (SEVERINO, 2016, p.126)

Portanto, é uma pesquisa na qual o pesquisador passa por uma participação real, junta-se ao grupo ou a comunidade pesquisada, participa das atividades do ambiente pesquisado. Ou seja, procura, no intuito de conhecer e agir, encontrar de alguma forma uma ação de mudança que beneficie o grupo estudado. Após a observação participante, foi realizada uma aplicação

de questionário enviado aos docentes via endereços eletrônicos: e-mail e WhatsApp.

Conforme Amaro, Póvoa e Macedo (2005), ao aplicar um questionário permite-se recolher dos entrevistados amostra de conhecimentos, valores e comportamentos em relação ao assunto pesquisado. Então, é necessário selecionar com rigor o tipo das perguntas do questionário, para um melhor andamento do trabalho. O questionário utilizado nesta pesquisa foi do tipo aberto, “este tipo de questionário proporciona respostas de maior profundidade, ou seja, dá ao sujeito uma maior liberdade de resposta [...]” (AMARO; PÓVOA; MACEDO, 2005, p. 07).

Os dados foram analisados utilizando a abordagem qualitativa. Ressaltamos que esta abordagem foi adotada por causa de suas características atinentes a um estudo na área de ensino/educação, uma vez que, segundo Anjos (2017, p. 134), “na pesquisa qualitativa, o pesquisador entra num processo de imersão, imerge no fenômeno no qual tem interesse, ‘mergulha’ na realidade que quer compreender, buscando significados que as pessoas dão às suas próprias atitudes”. A análise dos dados será dividida em duas etapas: uma sobre a observação participante, na qual utilizamos os relatos presentes em relatórios parciais escritos ao longo da RP; e outra sobre o discurso dos docentes extraídos do questionário, sobre a visão do ensino com o uso do LD nas aulas de LI.

A análise durante a observação participante (**primeira etapa**) é fundamental para entendermos o uso do LD, levando em consideração o ensino e a aprendizagem nas aulas de Língua Inglesa. Visto que, de acordo com Sarmiento e Lamberts (2016b, p. 292) “o livro didático (doravante LD) ainda exerce um papel importante no ensino.” Haja vista, que o sucesso do uso do LD nas aulas de LI pode depender do uso que o professor faz na sala de aula, do olhar com criticidade, das adaptações considerando a realidade do aluno. Logo, de acordo com as autoras,

Em aulas de língua inglesa, o uso consciente e crítico do LD tem papel importante no desenvolvimento das habilidades necessárias para aprender uma nova língua, cabendo ao professor fazer melhor uso dos materiais disponíveis para que a aprendizagem seja eficaz e completa. (SARMENTO; LAMBERTS, 2016, p. 292-293)

A **segunda etapa** é composta pela análise das respostas do questionário estruturado a interpretar os dados de forma qualitativa, explanando a complexidade obtida nas respostas dos entrevistados. A aplicação do questionário ocorreu no mês de (Maio/2020) e a estrutura foi dividida em duas partes: a primeira parte com perguntas de identificação do professor, sobre a formação acadêmica, quanto tempo depois da formação demorou para

ingressar na vida de professor, se leciona outras disciplinas além do Inglês, qual a carga horária precisa cumprir na escola. São feitas perguntas objetivando conhecer o perfil do professor e também compreender melhor a realidade da sala de aula da escola. A segunda parte do questionário consistiu em conhecer a visão dos professores em relação ao LD, se costumam usar em suas aulas, e como utilizam esse material, se possuem autonomia no uso ou simplesmente ignoram e o que acham dos conteúdos mínimos do LD, se os professores participaram da escolha do LD e como foi escolhido.

Nessa primeira parte do questionário foi possível conhecer um pouco sobre o perfil dos professores participantes da pesquisa. O professor Demétrius, sobre sua formação e experiência docente, é formado pela Universidade Federal do Tocantins, possui quatro anos de formado, atua na rede pública como professor contratado. Com menos de um ano de formado já conseguiu ingressar como professor na rede pública. Na escola são 24 horas-aula, a serem cumpridas na sala, e 16 horas-aula para planejamento. Quanto as disciplinas que leciona, o professor respondeu que por dois anos trabalhou somente com a Língua Inglesa e os outros dois anos ministrou as disciplinas de Língua Portuguesa e Literaturas.

- (01) **Pesq:** É formado somente em Língua Inglesa ou possui dupla licenciatura?
- (02) **Prof. 1:** Sou formado em Letras, mas habilitado para a língua portuguesa e literatura. A residência pedagógica foi um desafio muito engrandecedor, devido à formação.
- (03) **Pesq.:** Onde você se formou?
- (04) **Prof. 1:** Na Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína-TO
- (05) **Pesq.:** Quanto tempo você tem de formado?
- (06) **Prof. 1:** Tenho 4 anos de formação e de atuação na rede pública de ensino
- (07) **Pesq.:** Quanto tempo demorou para ingressar na vida de professor após a formatura?
- (08) **Prof. 1:** Apenas 1 mês após colação de grau.
- (09) **Pesq.:** Você só leciona Língua Inglesa?
- (10) **Prof. 1:** Por 2 anos foram apenas língua inglesa, ademais foi língua portuguesa e literatura, área de formação.
- (11) **Pesq.:** Qual a carga horária que você precisa cumprir na escola? Em termos de horas ou turmas.
- (12) **Prof. 1:** São 24H/A, a serem cumpridas em sala, e de 16 horas de planejamento.
- (13) **Pesq.:** Quais disciplinas além da língua inglesa você leciona?
- (14) **Prof. 1:** Língua portuguesa, letramento e redação.

Primeira parte do questionário via e-mail (Prof. Demétrius)

A professora Charlotte é formada em Letras habilitada em Língua Portuguesa e Língua Inglesa pela Universidade Federal do Tocantins. Se formou há doze anos, depois de

formada demorou um ano para ingressar na vida de professora. Trabalha com as duas disciplinas de formação Português e Inglês há onze anos, cumprindo uma carga horária de 40 horas na escola.

- (01) Pesq.:** É formada somente em Língua Inglesa ou possui dupla licenciatura?
- (02) Prof. 2:** Letras/port. /Ing.
- (03) Pesq.:** Onde você se formou?
- (04) Prof. 2:** UFT
- (05) Pesq.:** Quanto tempo você tem de formada?
- (06) Prof. 2:** Creio que já tem 12 anos
- (07) Pesq.:** Quanto tempo demorou para ingressar na vida de professor após a formatura?
- (08) Prof. 2:** 1 ano
- (09) Pesq.:** Você só leciona língua inglesa?
- (10) Prof. 2:** Ensino Port. /Ing.
- (11) Pesq.:** Qual a carga horária que você precisa cumprir na escola? Em termos de horas ou turmas.
- (12) Prof. 2:** 40h
- (13) Pesq.:** Quais disciplinas além da língua inglesa você leciona?
- (14) Prof. 2:** Port.

Primeira parte do questionário via WhatsApp (Profa. Charlotte)

De uma maneira geral, observamos que apesar de todas as perguntas usadas no questionário fossem abertas, algumas os professores respondiam com respostas curtas e em outras perguntas havia um desenvolvimento maior, melhor aprofundamento nas respostas. Ao irem além a suas respostas permitiram brechas, que puderam ser relevantes para o entendimento dos problemas e situações que se encontram na realidade da escola relacionado ao problema de pesquisa, fato que discutiremos no capítulo de análise a seguir.

CAPÍTULO III

ENTENDENDO COMO O LIVRO DIDÁTICO TEM SIDO USADO NO CONTEXTO DE PESQUISA

Neste capítulo são apresentadas as análises da presente pesquisa. Estruturamos esta parte do trabalho da seguinte forma: no primeiro subtópico, fazemos um estudo do uso do LD nas aulas de LI em uma turma de 6º ano na Escola Vila Nova durante a observação participante, analisando relatórios parciais. Em seguida, realizamos as análises da segunda etapa da pesquisa, através da aplicação de questionário aos professores, analisamos seus discursos em relação ao assunto pesquisado.

3.1 A observação participante e o uso do LD nas aulas de LI

Esta seção tem o objetivo de apresentar, explicar e discutir as conclusões alcançadas após as observações participantes das aulas de LI, durante a RP. O momento de observação do PRP foi significativo para as aulas de regência que seriam realizadas após o período de observação. Como observado no capítulo II foi a etapa para diagnosticar os desafios do cotidiano escolar, para então, buscar melhorias no período de imersão. Por isso nesta etapa buscamos analisar os relatórios parciais do período de imersão das regências. Esta etapa da pesquisa em sala de aula visou observar os olhares dos professores a cerca do LD, e demonstrar como fizemos o uso do LD durante as aulas, como os capítulos do LD foram explorados na prática durante as aulas.

Sarmiento e Lamberts (2016b, p. 292) revelam que “o livro didático [...] exerce um papel fundamental no ensino. Apesar de haver professores que preferiam não utilizar [...] em suas aulas e acabam trazendo materiais retirados de diversos lugares”. Mesmo ao afirmarem que o LD exerce um papel importante no ensino, ao longo das observações no PRP, percebemos que os professores de LI preferiam deixar de lado o uso desse material na sala de aula.

Como observado na escola campo, os residentes puderam perceber pelo discurso do professor preceptor que havia receio quanto ao uso do livro didático, cuja, o principal argumento seria a falta de concordância entre conteúdos mínimos e o LD. Outro receio, segundo o professor preceptor, era como incorporar o uso do LD no ensino de LI na escola e

continuar com o uso da prática tradicional de ensino (método gramática-tradução).¹

Ao iniciarmos a imersão na escola, foi possível contribuir com novas ideias [...] A residência possibilitou contato direto com os novos métodos de ensino que os alunos da Universidade aprendem, sendo possível tirar da teoria e colocar em prática (Excerto (01) Relatório Parcial do PRP, período de imersão).

O período de imersão na escola campo oportunizou ao residente participar do processo de gestão de sala de aula por meio de regências. Para isso reuniam-se semanalmente na escola-campo o professor preceptor e os residentes; quinzenalmente na escola reuniam-se a professora orientadora, o preceptor e os residentes; e mensalmente reuniam-se na universidade a professora orientadora, os três preceptores e todos os residentes. Ou seja, havia um acompanhamento durante todo o percurso que muito contribuiu para o desenvolvimento de todos que participaram, esses encontros possibilitaram ao residente desenvolver habilidades e competências para planejamento individual como também coletivo na escola e na universidade. Essa aproximação entre universidade e escola permitiu ao acadêmico enquanto residente articular teoria e prática e, ainda identificar os desafios do cotidiano na rede de ensino, pensar como contribuir com ideias inovadoras.

Encontrei algumas dificuldades na escola, o problema basicamente é que tem muitos alunos em uma sala pequena. Às vezes sofriamos com a falta de materiais e alguns recursos tecnológicos, e com a sala de aula, principalmente com os alunos que ficavam desmotivados com o inglês. Diziam frases como: “Não sei inglês”, “Não quero aprender inglês” e “Não sei nem o português, como posso saber inglês?” foi o que mais ouvi dos alunos [...] (Excerto (02) Relatório Parcial do PRP, período de imersão).²

Vivenciar os desafios da rede de ensino também significou refletir sobre o que podia ser feito para melhorar, levando em consideração o contexto e o sujeito. Pensar em elaborar práticas pedagógicas criativas para motivar esse aluno desmotivado era desafiador porque

¹ O Método da Gramática – Tradução, mais conhecido como Método Tradicional, foi a maneira encontrada para se trabalharem línguas clássicas como o grego e o latim, ensinadas nas escolas, até meados do século XX [...] O enfoque do ensino e da aprendizagem girava em torno da tradução e da versão de textos literários, já que o método era usado para auxiliar os alunos na leitura destes textos em língua estrangeira.[...] O referencial de sucesso na aprendizagem da língua estrangeira era a habilidade de traduzir de uma língua para outra, o que poderia ser obtido pela tradução literal e pela busca das similaridades entre a primeira e a segunda língua. (JALIL; PROCAILO, 2009, p.775).

² Texto Original: I found some difficulties in the school; the problem is basically that there are many students in a small classroom. Sometimes we suffered with the lack of material and some technological resources, and about the classroom, mainly with the students who were unmotivated with the English. They say sentences like: “I don’t know English”, “I don’t want to learn English” and “I don’t know Portuguese, how can I know English?” These were what I most listened from the students [...]. (Excerto (02) Relatório Parcial do PRP, período de imersão)

ouvíamos expressões como “não sei por que estudar essa disciplina”, “nem vou sair do Brasil”. São expressões desmotivadoras que acabam circulando e o professor pode tentar mudar isso com aulas, discursos motivadores, não apenas para os alunos, mas para todo o ambiente escolar. No entanto, o que os alunos não sabem é que aprender uma língua estrangeira junto com a língua materna é um direito garantido por lei, conforme Brasil (1998):

(...) O aprendizado de uma língua estrangeira, juntamente com a língua materna, é um direito de todo cidadão, conforme expresso na lei de Diretrizes e Bases e na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, publicada pelo Centro Internacional de Minorias e Nações Étnicas (Ciemen) e pelo PEN-International Club. Portanto, a escola não pode mais se omitir em relação a esse aprendizado. (BRASIL, 1998, p.19)

Com base em leitura de documentos norteadores para o processo de ensino e aprendizagem, durante o programa da RP, notamos que é importante estar ciente de que aprender uma língua estrangeira é um direito de todo cidadão, assegurado por lei que garante esse direito. Assim, as escolas não devem omitir em relação a esse aprendizado. Entretanto, o ensino de língua estrangeira nas escolas ainda não é visto com a devida importância, como uma disciplina que oferece inúmeros benefícios para a formação do aluno.

Um fator prejudicial para o ensino e aprendizagem de língua estrangeira no ensino básico é a redução da carga horária, realizada pela Secretaria de Estado da Educação (SEDUC) que entrou em vigor em 2017. As escolas contam com mais o desafio da diminuição da carga horária, o que pode indicar para a desmotivação em relação ao aprendizado de LI. Assim Alencar, Santos, Lourenço e Silva (2020, p. 99) nos informam que “este é um dos nossos desafios: buscar possibilidades para desenvolver as diferentes habilidades esperadas com a aprendizagem de Língua Inglesa com essa carga horária e também motivar o interesse dos alunos na aprendizagem levando em consideração esse tempo reduzido”.

Ademais, a escola não dispunha de muitas opções de materiais e alguns recursos tecnológicos. Considerando tal fato, e os receios do professor em relação ao uso do LD, não poderíamos deixar que o livro caísse no desuso, procuramos resgatar esse material para as aulas de LI na turma do 6º ano, uma vez que “em aulas de língua inglesa, o uso consciente e crítico do LD tem papel importante no desenvolvimento das habilidades necessárias para aprender uma nova língua [...]” (SARMENTO e LAMBERTS, 2016b, p. 292).

Diante de tal fato, residentes com as orientações da professora orientadora da universidade, perceberam a oportunidade do uso do LD de maneira não linear, rompendo com o ensino tradicional que utiliza o LD como ferramenta única e segue uma forma linear de

capítulo por capítulo, tornando às vezes cansativo para o aluno. Em relatos de autoria das residentes escritos durante a RP, há um comentário sobre como o LD pôde ser usado nas aulas em uma turma de 6º ano do ensino fundamental:

No início do trabalho com o livro didático, encontrei um pouco de dificuldade, porque havia discordância entre o conteúdo programático da escola e o livro. A maioria dos conteúdos programáticos da escola não possuía no livro didático [...] O que me ajudou foram as orientações recebidas nos encontros de acompanhamento da RP na universidade, das quais não é necessário acompanhar as atividades ou o conteúdo do livro de maneira linear; pode-se escolher como trabalhar, com que pergunta ou capítulo começar. (Excerto (03) Relatório parcial do PRP, Período de imersão)

De acordo com o excerto acima, pode-se perceber que os residentes encontraram como dificuldade a discordância entre o conteúdo programático da escola e o LD, dificuldade essa que podemos dizer ser uma das que mais se ouve dos professores, ou seja, uma das que mais causam o abandono do LD, que o faz ficar fora das aulas de LI. A certeza tão próxima de que essa realidade é mais comum do que se possa imaginar está nos relatos de outra dupla de residentes, presentes num artigo que escreveram após a residência: “Nesta turma [...] notava-se certa resitência quanto ao uso do livro didático, uma vez que tal recurso acabava muitas vezes sendo deixado de lado pelos professores.” (VIEIRA; SANTOS; ARAÚJO; MONTEIRO, 2020, p.121).

Esse abandono leva os professores a buscarem outras formas de materiais, como buscas por conteúdos extraídos da internet ou de vários lugares, “há professores que preferem não utilizar um único LD em suas aulas e acabam trazendo materiais retirados de diversos lugares e, muitas vezes, de diferentes LDs sem conexão entre os conteúdos ou com o contexto onde está inserido” (SARMENTO; LAMBERTS, 2016b, p.292).

Desta maneira, nas aulas ministradas por nós residentes, procuramos usar o LD como uma ferramenta complementar de maneira não linear, ou seja, um roteiro ou única verdade a ser fielmente seguida, conforme Silva (2017),

Usar o livro didático, para o professor, então, não deve, no entender dos próprios avaliadores do PNLD, seguir fielmente a obra adotada, mas estar atento às suas possibilidades e limitações, assumir outras tarefas que não simplesmente cumprir o conteúdo e as atividades propostas no material didático. (SILVA, 2017, p.143)

Assim, com base na visão de Silva (2017), reafirmamos que o docente pode assumir o fazer de autor para revisar e reelaborar os conteúdos para suas aulas, considerando as

possibilidades que o livro pode promover e as limitações carregando necessidades de outras atividades fora do livro. A seguir trazemos o excerto 04, um exemplo de como organizamos uma aula incluindo o uso do LD, agregando ainda os temas transversais aos conteúdos mínimos. Conforme PCN “(...) Temas transversais, com foco claro nas preocupações sociais, podem ser facilmente trazidos para a sala de aula através de uma língua estrangeira” (BRASIL, 1998, p.43).

Assim, folhiei o livro didático para usar de alguma forma para tentar encaixar, para que os alunos pudessem utilizar seu material [...] A melhor forma foi se adaptando, por exemplo quando eu trabalhei com o conteúdo de cores e no livro didático tinha algo sobre o ambiente alguns cestos de lixo de cores variadas como: Verde para colocar vidro, vermelho para plástico, roxo para colocar papel e o cesto amarelo para colocar metal. Perguntei aos alunos em qual lixeira colocar o papel no verde ou no roxo? E os alunos responderam oralmente. (Excerto (04) Relatório parcial PRP, Período de imersão).³

Nesse excerto expõe a prática em sala de aula com o LD. Notamos que houve planejamento e adaptação, vale ressaltar que para que essas adaptações aconteçam “é importante que os professores conheçam as possibilidades de mudança ao que está pronto no livro e sintam-se seguros para criticar o material e modificá-lo conscientemente (SARMENTO; LAMBERTS, 2016a, p.74). Assim, as aulas se tornaram mais produtivas, com interação, promovendo o pensamento crítico acerca dos temas transversais presentes no LD, mas adequando ao contexto do aluno.

Além de trabalhar com temas transversais, percebemos que com o LD poderíamos também abordar temas culturais, pois “O respeito às diferenças e a assimilação dessas, como forma de colaboração no ensino-aprendizagem, deve estar presente no ensino de Língua Inglesa a fim de despertar a consciência crítica e intercultural dos alunos” (LUDWIG; MACHADO, 2017, p.131). Assim, pudemos trabalhar com a interculturalidade, ocorrendo uma troca de experiência/conhecimento entre as variadas culturas presentes no LD.

Em contrapartida, Tilio (2008) chama atenção para as desvantagens do LD, uma delas é a questão de trazerem informações ultrapassadas, porque leva algum tempo para terminar de escrever e também para publicar. Outra desvantagem está na maneira como o LD apresenta as informações de forma autoritária, como uma verdade indiscutível, que pode limitar o pensamento. Ao invés dos leitores pensarem que os fatos apresentados nos LD

³ Texto original: Thus, I leafed the textbook to use somehow to try fit, so that the students could use their material [...] The best way was to adapt, for example when I worked with the colors content and in the textbook had something about the environment some trash baskets of varied colors like: Green to put the glass, red to plastic, purple to put paper and the yellow basket to place metal. I asked the students in which wastebasket to put the paper in the green or purple? And the students answered orally. (Excerto (04) Relatório parcial PRP, Período de imersão).

retratam a visão do autor da publicação em questão, acabam considerando um fato absoluto. Tilio (2008) alerta ainda que muitas vezes a maneira como os livros são utilizados trazem diversas restrições sobre determinados assuntos. No entanto, para Sarmento e Lamberts (2016a) as desvantagens do LD podem ser neutralizadas, e a maneira para neutralizar, é usando o LD de maneira adequada.

Então, prosseguimos, com os relatos de como o material era usado em sala de aula e, para que as aulas se tornassem mais leves evidenciamos também usos de dinâmicas juntamente com o conteúdo.

Para apresentar sobre *Colors*, usando o livro didático, peguei uma música que eles deveriam ouvir, entender e completar, no livro, partes da música, e não apenas sobre cores. Foi uma aula muito produtiva, a maioria dos alunos compreendeu e participou do exercício. Para uma aula de números, fiz um jogo dinâmico, onde eles tinham que escolher algum cartão, sem saber que número seria, falar o nome do número em voz alta e escolher algum amigo para escrever aquele número no quadro. Foi uma aula superdivertida [...]. (Excerto (05) Relatório parcial PRP, Período de imersão).⁴

Observamos nesse excerto algumas maneiras como o LD foi utilizado. Notamos que para o conteúdo *colors*, também trabalhamos com uma música presente no livro didático, os alunos deveriam ouvir, entender e completar, no livro partes da música, ou seja, assim não ficamos presos somente ao conteúdo cores proposto pelo referencial do estado e, aula ficou mais produtiva.

Dando sequência, ainda no excerto 05, tivemos uma aula sobre os *numbers* (Unit 5) trabalhamos com o livro didático para estudar esse conteúdo, adaptamos a um jogo dinâmico que elaboramos, no qual os alunos tinham que escolher algum *card*, sem saber que número seria e, falar o número em voz alta para os colegas usando a LI, em seguida poderia escolher algum colega para escrever o número no quadro. Outrossim, seguimos com trechos que abordam como esse material foi utilizado na turma de 6º ano:

Planejei uma aula sobre o tema “A internet e eu” (Unidade 8) do livro didático, para falar sobre o mundo virtual. Produzi alguns emoticons, para que os alunos conversassem sobre seus sentimentos com o vocabulário da internet. Nesta unidade, produzimos diálogos e aprendemos a linguagem da internet. Eu queria levar os

⁴ Texto Original: For introducing about Colors, using the textbook, I took a song that they had to hear, understand and complete, in the book, parts of the song, and not just about colors. It was a really productive class; the most of the students realized and participated of the exercise. For a class of numbers, I did a dynamic game, where they had to choose some card, without knowing what number it would be, speak the name of the number loudly and choose some friend to write that number on the board. It was a super fun class [...] (Excerto (05) Relatório parcial PRP, Período de imersão).

alunos para o laboratório de informática, mas como havia muitos alunos e poucos computadores, resolvi produzir essa aula usando a criatividade dos emoticons e também do livro didático. Nesta aula, os alunos praticaram conversação, leitura e escrita. (Excerto (06) Relatório parcial PRP, Período de imersão).⁵

Assim, planejamos uma aula cujo tema era “*The internet and me*” da (Unit 8) do livro didático, para tratar sobre o mundo virtual. Para falar desse assunto produzimos alguns *cards* com desenhos de *emoticons* para que houvesse uma interação usando *vocabulary* da internet sobre seus sentimentos. Também produzimos diálogos e aprendemos a linguagem da internet em LI. Notamos ainda, que o excerto 06 expõe mais um desafio encontrado na escola-campo, devido à grande quantidade de aluno na turma se tornou inviável levar os educandos para o laboratório de informática, uma vez que a quantidade de computadores não atendia a demanda. Por isso, a necessidade do professor se reinventar e produzir os *cards* com *emoticons* para tratar sobre o tema mundo virtual.

Desse modo, as aulas de LI se tornaram mais atrativas, conseguimos perceber que os alunos passaram a participar mais de nossas aulas, considerando que essa turma de 6º ano estava tendo o primeiro contato com a LI, uma oportunidade enquanto residente em uma posição de educador chamar atenção/buscar o interesse para as nossas aulas de LI, com aulas lúdicas e interativas, para que os alunos tivessem interesse em aprender a língua inglesa, uma vez que era uma disciplina nova para os estudantes, e a experiência não poderia ser ruim para não ficarem desmotivados com a disciplina nos próximos anos de escolaridade.

Assim, na prática, observamos que muitas vezes não são encontrados os conteúdos mínimos sugeridos pela escola de forma completa em um só local do LD, por isso houve a necessidade de folhearmos o livro em busca de adaptações para montar as aulas. Ademais, pudemos trabalhar com assuntos transversais, objetivando instigar a criticidade do aluno em relação aos temas atuais.

3.2 O uso do LD pelo olhar dos professores de LI

A segunda etapa da análise da pesquisa é voltada para informações coletadas a partir de questionários respondidas por dois professores da escola pesquisada, e ocorreu por meio de

⁵ Texto Original: I planned a class about a theme “The internet and me” (Unit 8) of the textbook, to tell about virtual world. I produced some emoticons, for the students talk about their feelings with the vocabulary of the internet. In this unit, we produced dialogues and learned the internet language. I wanted to take the students to the computer laboratory, but since there were many students and few computers, I decided to produce this lesson using the creativity of the emoticons and also using the textbook. In this class, the students practiced speaking, reading and writing. (Excerto (06) Relatório parcial PRP, Período de imersão).

e-mail e de Whatsapp.

As perguntas do questionário foram uma das ferramentas usadas para compreender as visões dos professores em relação ao uso do LD no ensino de LI, em uma turma de 6º ano do ensino fundamental, bem como suas concepções sobre o LD, se costumam usar em suas aulas, como usam e qual o uso ideal. No processo de análise do discurso dos docentes, entrelaçamos o entendimento dos discursos, buscando correlacionar seus enunciados com a realidade vivenciada na escola, após a etapa de observação participativa.

A aplicação do questionário foi realizada de forma individual (ambas em maio/2020), no qual enviamos um questionário via endereço eletrônico aos professores. Dessa forma puderam responder de forma anônima, pois não utilizamos os nomes reais, foram dados nomes fictícios aos docentes, garantindo o anonimato em relação à pesquisa. Ambos assinaram o Termo de Consentimento de Pesquisa (anexo A). Chamamos de Prof. 1 o professor da escola Vila Nova e preceptor do PRP (Prof.1 Demetrius) e de Prof. 2 a professora da escola Vila Nova (Profa. Charlotte).

Os participantes da pesquisa em suas respostas trouxeram significados e concepções da prática do uso do LD na escola campo, levantando a possibilidade de reflexão sobre o ensino e a visão de cada um, referente ao uso em suas aulas de LI. Mesmo sendo dois professores respondentes do questionário, o objetivo não é levantar comentários que favoreçam a visão de um ou de outro, mas sim analisar de que forma é conduzido o uso desse material, a realidade de sua aceitação nas aulas de LI, conhecer a visão dos docentes em relação ao LD e aos conteúdos mínimos.

A aplicação do questionário ocorreu em uma relação de reciprocidade, sem que se invadissem o espaço do outro, uma vez que foram divididos em duas partes e foram enviados via endereço eletrônico aos docentes, e estes puderam responder individualmente, à vontade para relatarem seus discursos e pontos de vistas em relação ao assunto pesquisado. Com a aplicação do questionário, notamos que a escola disponibilizava o LD de LI para as turmas regulares, incluindo a turma pesquisada, o 6º ano. Ou seja, durante a residência pedagógica o livro didático pôde ser usado pelos residentes na sala de aula.

(15) Pesq.: A escola tem livro didático de língua inglesa?

(16) Prof. 1: A escola em que foi desenvolvido o programa de residência pedagógica em língua inglesa, só disponibilizava livros didáticos de língua inglesa para o ensino regular, no caso, os 6º e 8º anos ensino fundamental II, no de educação de jovens e adultos (EJA), a escola não dispunha de livros didáticos.

Observamos que o professor faz uma importante colocação, pois afirma que a escola não dispunha do LD na Educação de Jovens e Adultos (EJA). O que nos leva a refletir a ausência desse material nas aulas de LI. O professor ao acrescentar essa informação da EJA deixa a impressão de que o material faz falta na EJA, considerando que muitas vezes é o único recurso disponível nas escolas. E por isso de acordo com Santos Filho, Viñal Júnior e Amorim (2020), se faz necessário que nas aulas de LI na EJA dispunham de recursos que contribua para o processo de formação significativa. Segundo os mesmos autores “[...] o livro didático, que, a depender de seu uso, pode ser um importante material de apoio a aprendizagem tanto para o professor quanto para o estudante [...]” (SANTOS FILHO; VIÑAL JÚNIOR; AMORIM, 2020, p.310).

Outro fator importante é a escolha do LD, segundo o professor Demétrius a escolha é realizada com a apresentação do livro didático aos professores por meio das editoras que a SEDUC disponibiliza em um dia “D”, com a finalidade de escolha.

(17) Pesq.: Como o livro foi escolhido?

(18) Prof. 1: O livro didático é apresentado aos professores por meio das editoras que Seduc disponibiliza e há na unidade escolar o dia D, de escolha do livro didático, esse dia é uma de dizer que o professor participa da escolha, pois um professor não tem tempo para escolher um livro com as devidas avaliações necessárias e atentas as demandas do currículo escolar, muitas vezes o livro que os professores escolhem é um e o que a Seduc compra é outro, totalmente fora do contexto escolar e dos regimentos do currículo.

Sabemos que: o processo de escolha do LD passa por várias fases de avaliação, até que realmente seja comprado pelo MEC. Essas fases de avaliação são no intuito de garantir a qualidade do LD antes de serem enviados às escolas. Para Silva (2017) é do professor a decisão de escolha entre um LD e outro, conforme preconizado pelo PNLD, porque ele é o agente mais próximo do aluno e conhecedor da realidade de ensino e aprendizagem e, por isso deve analisar e escolher qual será utilizado em sua escola.

Lembrando que antes dos livros chegarem até as escolas para avaliação pelos professores, passam por outras fases de avaliações propostas em edital. Primeiramente as editoras precisam submeter suas obras ao MEC, essa avaliação e aprovação pela equipe do MEC definirá se os LD estão de acordo com as exigências do PNLD, ou seja, estão aptos para serem utilizados no ensino brasileiro e depois dessas fases chegam às escolas para que os professores escolham o que mais se adequam a sua realidade de ensino.

Entretanto, o professor Demétrius levanta uma crítica sobre a participação do professor na escolha, segundo ele, os professores não têm tempo para escolher o livro didático

com as devidas avaliações necessárias. Silva (2017) concorda com a falta de tempo hábil dos professores para avaliações necessárias do LD:

[..] A escolha de livros didáticos do PNLD nas escolas públicas tem se caracterizado pela falta de tempo hábil, sendo as avaliações feitas pelos professores em separado, em horários de intervalo (15 a 20 minutos do tempo de recreio dos alunos), ocorrendo reuniões finais muito rápidas com todos os docentes para repassarem a escolha para a coordenação pedagógica ou a direção da escola. (SILVA, 2017, p.144)

Essa falta de tempo hábil do professor no processo de escolha é um dos fatores que acarreta em desmotivação dos educadores em participarem dessa etapa, “há escolas onde os docentes mostram-se desmotivados a participarem das reuniões para a seleção de livros” (SILVA, 2017, p.142). Continuando com a fala do Prof.1, ele diz que nem sempre o livro escolhido pelos professores é o comprado. Isso é pauta de muitas reclamações, “Docentes também têm reclamado, em pesquisas, uma desmotivação para essa participação com a justificativa de nem sempre o livro escolhido chegar à escola” (SILVA, p.145, 2017). Mas esse desencontro ocorre porque o MEC somente negocia a compra com as editoras após uma avaliação e indicação pelas escolas, e as editoras podem não aceitar a negociação ou não ter mais o livro disponível em quantidade suficiente.

A partir da fala do prof. 1 percebe-se alguns fatores que contribuem para críticas no processo de escolha, e conseqüentemente trazendo algumas falhas nos LD adotados pelas escolas, essas falhas ocasionam desuso do LD por parte dos professores, que alegam que nem sempre o livro escolhido chega à escola e muitas vezes é o mais distante da realidade do contexto escolar e há discordância entre conteúdos mínimos e o livro.

Continuando com a fala da Profa. 2, que responde as mesmas perguntas feitas ao Professor Demétrius, lembrando que cada resposta do questionário possui suas particularidades que estão em evidência nos discursos dos docentes:

(15) Pesq.: A escola tem livro didático de língua inglesa?

(16) Prof. 2: Sim

(17) Pesq.: Como o livro foi escolhido?

(18) Prof. 2: Houve uma apresentação de alguns exemplares por parte do sistema, e que cada escola recebe para depois abrir uma pesquisa de escolha dos livros.

(19) Pesq.: Vocês participaram da escolha do livro? Se não participaram, quem escolheu?

(20) Prof. 2: Sim, os professores participaram de acordo com a área.

Percebemos que a resposta da profa. 2 está em harmonia com a fala do prof.1, que

relata que a escola possui o LD, como esse material foi escolhido e ainda sobre a participação do professor na escolha. Entretanto se manteve discreta, não expôs críticas em relação a participação do professor na escolha, apenas descreveu resumidamente como ocorreu esse processo. Mas, afirma que participou da escolha. Outro aspecto de destaque é a opinião dos professores sobre o LD:

(21) Pesq.: Qual a sua opinião sobre o livro didático?

(22) Prof. 2: O livro se torna um objeto de estudo para complementar alguns conteúdos. Mas não substitui as práticas do conhecimento prévio do aluno...

Notamos que a professora 2, ao manifestar suas opiniões sobre o LD, afirma que o LD se torna um objeto de estudos para complementar alguns conteúdos, mas que não substitui as práticas do conhecimento prévio do aluno. Percebemos que ao dizer isso a professora afirma que não usa o livro didático com regularidade, segundo ela o livro só será usado se o aluno tiver o conhecimento prévio sobre determinado conteúdo do LD, ou seja, deixa como material que os alunos usam se quiserem para complementar seus estudos.

Imaginemos qual é o conhecimento prévio do aluno? Se o aluno não tiver o conhecimento prévio sobre determinado conteúdo, então o livro não será utilizado. Para a professora tem que ser ensinado uma coisa mais direta, como uma aula instrumental. Porque o conhecimento prévio dos alunos não permite ir além. Sabemos como é importante acionar os conhecimentos prévios do aluno. Assim, partimos para os apontamentos do prof. 1, que enuncia sua opinião sobre o LD, valorizando o fato de ter participado da RP e reconhece os aprendizados que o programa o proporcionou.

(21) Pesq.: Qual a sua opinião sobre o livro didático?

(22) Prof. 1: O livro é um suporte didático, geralmente os livros de língua inglesa são ótimos de serem trabalhados em salas de aula, o que dificulta é o professor, saber planejar uma aula de qualidade com o livro didático, eu, aprendi a planejar aula com eficiência com o programa residência pedagógica, o que muitos professores não tiveram a oportunidade. Mas, os livros são bons, às vezes seguem fora do referencial do estado, mas o professor pode contornar e planejar suas aulas como quer e achar melhor.

Como já mencionamos no capítulo I, no período de imersão para que houvesse aulas planejadas com eficiência aconteciam reuniões entre a professora orientadora, o preceptor e os residentes para troca de ideias e sugestões de acordo com a realidade do ensino e aprendizagem da escola campo. Em um dos encontros foi externado a dificuldade em usar o

LD nas aulas de LI. Então, houve uma orientação de que nem sempre os conteúdos serão encontrados de forma tão clara e direta nos materiais didáticos, como esperado pelo referencial do estado, sendo necessário folhear o LD em busca de adaptações seguindo uma forma não linear. O docente alega que após ter participado do programa de residência pedagógica passou a planejar aulas com eficiência e a perceber o LD de LI como um suporte e bom de ser trabalhado. Entretanto nem sempre foi assim, antes do PRP tinha dificuldade em planejar aulas de qualidade com o LD, uma vez que nem todos os conteúdos eram encontrados de forma linear. E isso dificultava o planejamento das aulas, o professor lamenta que muitos professores não tiveram a mesma oportunidade vivenciada por ele de participar da RP.

Após frisar que sua participação no PRP contribuiu positivamente para uma nova maneira de ensinar/planejar suas aulas. Ao ser questionado se tem o costume de usar o LD em suas aulas, o prof.1 salientou que usa, mas não em todas as aulas, conforme podemos constatar abaixo:

(23) Pesq.: Você tem o costume de usar o livro didático? Como usa?

(24) Prof. 1: Em todas as aulas não, mas sempre que planejo de usar o livro, preparo antes e apresento o livro, convoco os alunos a trazerem o livro para o uso no dia X dá aula.

Ao refletir sobre o trecho acima, percebemos que o professor organiza suas aulas com o LD por meio de planejamentos. Assim, apresenta o conteúdo aos alunos, ou seja, notamos que o professor estimula/aciona os conhecimentos prévios dos educandos antes de colocar em prática os conteúdos a serem trabalhados do livro didático. Para o levantamento de saberes do aluno pode ser realizado algum Quiz, pequenos desafios que possibilitem mobilizar conhecimentos referentes ao assunto. Nesse entrelaçamento de análise dos questionários dos docentes, prosseguimos com o enunciado da prof.2 que responde se costuma usar o LD em suas aulas de LI:

(23) Pesq.: Você tem o costume de usar o livro didático nas aulas de Língua Inglesa? Como usa?

(24) Prof. 2: Às vezes, não abasteco os alunos com conteúdos congelados, eu sempre levo diversas dinâmicas com abordagens de alguns conteúdos existentes no mesmo... A aula fica mais produtiva.

Conforme Sarmiento e Lamberts (2016a, p. 70) assim como as vantagens que o uso do LD pode trazer para o processo de ensino e aprendizagem, as desvantagens também são reais e podem fazer parte de diversos contextos. Evidenciamos no discurso da educadora, que

menciona desvantagem do livro, percebemos também uma falta de entusiasmo com o material, quando levanta uma crítica a respeito dos conteúdos contidos no livro, segundo a professora são “conteúdos congelados”, ou seja, ultrapassados fora da realidade. Notamos que quando ela fala “às vezes” soa como dificilmente e quando usa é sempre com dinâmica. E que usar o livro sem o acompanhamento de dinâmicas as aulas cairão no desinteresse dos alunos.

Para Sarmiento e Lamberts (2016a) para todos os argumentos, há possíveis soluções baseada no bom uso do material. E isso pode gerar preocupação, será que está fazendo um bom uso? Para que se obtenha essa resposta as autoras afirmam que o LD não tem vida sem que alguém dê vida a ele: ele cumpre seu papel de facilitador do processo de ensino e aprendizagem somente quando é utilizado por professores e alunos. Por isso nosso questionário também abordou sobre os conteúdos mínimos.

(25) Pesq.: O que você acha sobre os conteúdos mínimos e o livro didático?

(26) Prof. 1: Na grande maioria dos casos, muito conciso, mas preciso, pois, os elementos no livro didático seguem uma sequência didática, o que quebra o ritmo de velhas aulas de gramáticas e explicações de conceitos.

O professor Demétrius pontua, no excerto acima, que os conteúdos mínimos na maioria dos casos são concisos, ou seja, não alcançam o que deveriam. O que confirma o que já foi dito neste trabalho, que uma das principais críticas dos professores é, que a maioria dos conteúdos mínimos não são encontrados no LD. No entanto, é importante frisar que nem sempre os conteúdos serão encontrados do jeito de serem ministrados, porque como são produzidos para o mercado nacional, carregam temas genéricos. Gerando a necessidade de serem adaptados, cabendo ao professor criticar o material e adequar ao contexto inserido, “adaptar um LD não significa dizer necessariamente que o material é ruim, apenas que precisa de ajustes para determinado contexto” (SARMENTO; LAMBERTS, 2016a, p.73).

Outro fator mencionado é a sequência didática, como o livro didático cumpre o seu papel de facilitador, o material propõe uma sequência didática. Mas o educador pode montar sua própria sequência didática incluindo as habilidades da BNCC. A prof. 2 também opina a respeito dos conteúdos mínimos e o LD:

(27) Pesq.: O que você acha sobre os conteúdos mínimos e o livro didático?

(28) Prof. 2: Para o professor desprogramado, passa a ser somente mais um manual de complemento de atividades, mais não substitui outras práticas diversificadas fora do manual de ensino....

Percebemos que a professora critica o professor que usa o LD apenas como um

complemento, quem ela chama de professor desprogramado. Segundo ela o livro didático não substitui outras práticas, fora do manual de ensino da escola. Mais adiante nas respostas ao questionário, a professora Charlotte comenta sobre a adaptação de métodos para uma melhor compreensão dos conteúdos:

(25) Pesq: Como seria o uso ideal do livro didático?

(26) Prof. 2: Na prática em sala de aula, o professor tem que adaptar outros métodos para que os recetores (alunos) possam compreender a linguagem e também o explícito dos conteúdos abordados no mesmo.

Nesse excerto, a educadora afirmar que o LD para ser utilizado precisa ser adaptado a outros métodos para que os alunos compreendam. Percebemos que ela faz uma crítica ao conteúdo do livro, segundo a professora o LD apresenta o conteúdo de maneira complexa. Para a prof. 2, o conteúdo precisa ser algo mais explícito/direto, possivelmente como o método da gramática tradicional. No entanto sabemos que os LD estão evoluindo e apresentando novas metodologias, “antes de pensar em não o utilizar, ou em substituí-lo, podemos pensar que ele também evoluiu, trazendo consigo novas metodologias, novas ferramentas que podem auxiliar no sucesso que queremos que nossas aulas e nossos alunos tenham” (LAMBERTS; SARMENTO, 2016b, p.298).

Assim, partimos para a última pergunta do questionário, em que foi abordado sobre a autonomia dos professores a respeito do uso do livro didático:

(27) Pesq.: Os professores têm autonomia no uso do livro? Ou simplesmente ignoram?

(28) Prof. 1: Cada professor tem sua autonomia para o uso ou não uso do livro didático.

(29) Pesq.: Os professores têm autonomia no uso do livro didático? Ou simplesmente ignoram?

(30) Prof. 2: A autonomia funciona de acordo com cada método de cada professor. Eu particularmente, uso e não ignoro.

Notamos que nesse excerto, os discursos de ambos estão em harmonia, cada professor tem liberdade para usar como quiser o material na sala de aula, podemos considerar como vantagem, as autoras Sarmiento e Lambert (2016b) concordam que a autonomia dos professores e os LDs são compatíveis, pois os professores podem expandir e adaptar os conteúdos de acordo com seu contexto.

Por fim, através da análise dos discursos dos dois educadores, foi possível perceber as particularidades em seus enunciados. Notamos essa diferença no modo como o professor 1

que participou da residência pedagógica, ressalta o aprendizado que a RP lhe proporcionou em relação a sua dificuldade para planejar aulas de qualidade com o LD. A professora 2 que não participou da RP, demonstra dificuldade e que não usa o livro com regularidade, para isso alega vários fatores como falta de conhecimento prévio dos alunos ou conteúdos congelados. Portanto, entendemos que o livro para ser utilizado não precisa seguir uma maneira linear, para isso precisa ser folheando em busca de montar suas aulas adaptando as particularidades daquele contexto. Há falhas no processo de escolha do LD, como a falta de tempo hábil do professor para escolher o material com as devidas avaliações necessárias, e muitas vezes as escolhas dos LD pelos professores não são levadas em consideração. Ainda assim, o professor precisa assumir um olhar avaliador no processo de escolha do LD, que deve estar dentro do seu contexto e assumir, também, o papel de autor para que possa revisar e reelaborar os conteúdos, as atividades e os textos do livro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação realizada nesta pesquisa objetivou analisar o uso do livro didático no 6º ano do ensino fundamental na Escola Vila Nova, durante a residência pedagógica. Conforme já pontuamos ao longo deste estudo, a Residência Pedagógica foi uma experiência significativa para UFT, redes de ensino e todos que participaram do programa. Em especial aos residentes porque tiveram a oportunidade de passar mais tempo na escola-campo, participar das atividades da escola, bem como, das reuniões e dos conselhos de classe, manusear o SGE, planejar aulas de regência. Tudo isso contribuiu muito para a formação enquanto futuros professores, porque em todo o processo havia uma troca de ideias e experiências entre a professora orientadora, os preceptores e os residentes.

Os preceptores também tiveram experiências relevantes, bem como o curso de formação para preceptores, as reuniões na escola-campo e na universidade para os planejamentos e os acompanhamentos das atividades, as trocas de conhecimentos por meio de socializações pertinentes.

Assim, por meio deste trabalho pude destacar como o livro didático tem sido usado no contexto de pesquisa, por meio de observação participante e de questionário respondido pelos participantes da pesquisa. Mediante o uso de tais instrumentos de pesquisa pudemos realizar as análises dos relatórios parciais dos residentes, produzidos durante o período de imersão e também analisar o discurso de dois professores sobre o tema pesquisado.

Desta maneira, quanto ao uso do LD, conforme foi apontado nesta pesquisa, há inúmeras vantagens, mas também são muitas as desvantagens e, por isso a importância do professor minimizar essas desvantagens usando o LD de forma consciente, ativando o pensamento crítico, realizando adaptações para o seu contexto, promovendo o interesse do aluno para as aulas de LI, escolhendo o que usar, e o que não usar. Por isso antes de pensar em deixar o uso desse material de lado, pode-se pensar em folhear o LD montando as aulas adaptando aos conteúdos mínimos, temas transversais, ludicidade, ou seja, realizar o uso não linear do mesmo.

Em relação as análises das respostas dos docentes acerca do LD, percebemos que o Prof.1 (preceptor e participante da RP) demonstrou que após a RP não tem mais dificuldades para planejar aulas com o livro, que o programa mostrou que as adaptações eram possíveis. No entanto, a Prof.2, que não participou do PRP, demonstra que não usa o LD com regularidade, afirma que o usa às vezes porque os alunos não têm conhecimento prévio sobre os assuntos complexos do livro, para a educadora o material teria que trazer algo mais direto.

Quanto ao processo de escolha do LD, notamos que é alvo de algumas críticas, ainda assim, o PNLD cuida para que ocorram várias fases de avaliações para só então, encaminhar para as escolas públicas material de qualidade. Entretanto, por melhor que seja o LD que chega a escola, o sucesso vai depender de como o docente organiza e adapta o LD para atender as demandas do seu contexto local.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Flávio Almeida dos Anjos. A linguística aplicada, o ensino e a aprendizagem da língua e o compromisso social. **Revista Tabuleiro de Letras**. v.11, n 02, p. 123-139, dez. 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/documentos/Downloads/3898-Texto%20do%20artigo-11454-1-10-20180104.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2021.

AMARO, Ana; PÓVOA, Andreia; MACEDO, Lúcia. **A arte de fazer questionários**. Relatório (Graduação em Química) - Faculdade de Ciências da Universidade do Porto Disponível em: <<https://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2015/03/A-arte-de-fazer-question%C3%A1rios.pdf>>. Acesso em: 02 mar.2021.

ALENCAR, Elisa Borges de Alcantara; SANTOS, Creyslla Barbosa dos; LOURENÇO TAVARES, Ester Denise; SILVA, Jacqueline Rodrigues Borges. Desafios da Língua Inglesa: Possibilidade de Promover a Aprendizagem Relacionando a Realidade Com o Tema Global Warming. **Revista Extensão**. v. 4. n.4, p.98-105, mar. 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/extensao/article/view/4198>. Acesso em: 20 Abr.2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. **Edital CAPES 06/2018** que dispõe sobre a Residência Pedagógica. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/01032018-Edital-6-2018-esidencia-pedagogica.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASÍLIA. **PNLD**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-acoes-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld>>. Acesso em 10 de Dez. 2019.

BRASÍLIA. **Portal do FNDE**. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/acesso-a-informacao/institucional>>. Acesso em: 04 abri. 2021

COUTO, Ana Luiza. **It Fits 6: ensino fundamental**. 2 ed. São Paulo: Edições SM, 2015.

FERREIRA, Aparecida de Jesus; CAMARGO, Mábia. O racismo cordial no livro didático de língua inglesa aprovado pelo PNLD. **Revista da ABPN**. v. 6, n. 12. nov. 2013 – fev. 2014. p. 177-202. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/263713948_Racismo_Cordial_No_Livro_De_Lingua_Inglesa_Aprovado_Pelo_PNLD_Cordial_Racism_in_English_as_a_foreign_Language_Textbook_Approved_By_The_PNLD>. Acesso em: 05 abr. 2021.

JALIL, Samira Abel; PROCAILO, Leonilda. **Metodologia de ensino de línguas estrangeiras**: perspectivas e reflexões sobre os métodos, abordagens e o pós-método. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE); III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA. Curitiba, 2009. Anais... Curitiba, 2009. p. 774-784. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2044_2145.pdf> . Acesso em: 02 m.2021.

KLEIMAN, Ângela B.; VIANNA, Carolina Assis Dias; DE GRANDE, Paula Baracat. **Calidoscópio**, 17(4): 724-742, dez 2019. Unisinos - doi: 10.4013/cld.2019.174.04

LIMA, Gislaine P; QUEVEDO-CAMARGO, Gladys. Breve trajetória da língua inglesa e do livro didático no Brasil. **VI SEPECH - Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas**. Universidade Estadual de Londrina: 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/GislainePLima.pdf>>. Acesso em 04 abri. 2021.

LUDWIG, Carlos Roberto; MACHADO, Luzia Angélica Moreira. O mundo plástico dos materiais didáticos: uma análise do livro interchange numa perspectiva intercultural. **Entreletras**. Araguaína/TO, v. 8, n. 2, p.124-146, jul./dez. 2017. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/4128>> Acesso em: 27 mar. 2021.

PALMAS-TO. **Projeto Institucional de Residência Pedagógica da Universidade Federal do Tocantins**. A residência pedagógica e formação docente na UFT: projetos, metodologias e prática pedagógica que articula teoria e prática, ensino superior e educação básica no Estado do Tocantins. Palmas – TO, 2018.

SANTOS FILHO, Agnaldo Pedro; VIÑAL JUNIOR, José Veiga; AMORIM, Antônio. O ensino de língua inglesa e os sujeitos da EJA: Um olhar sobre o livro didático de inglês. **Revista X**, [S.I.], v.15, n.7, p.308-330, dec. 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/75057>>. Acesso em: 25 mar. 2021.

SARMENTO, Simone; LAMBERTS, Denise Von der Heyde. Adaptações ao livro didático de Língua Inglesa. **Intersecções**. v. 9, n. 20, p.66-83, nov./2016b. Disponível em: <<https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaIntersecoes/article/view/1291>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

SARMENTO, Simone; LAMBERTS, Denise von der Heyde. O papel do Livro Didático no Ensino de Inglês: aspectos sobre sua importância, escolha e utilização. **Contextos Linguísticos**. v.7 n. 17, p.291-300, dez./2016a. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/14805>>. Acesso em 26 jan. 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Juliana Orsini da. Professores de línguas e programas do livro didático. **Trab. Linguist. Aplic.**, Campinas, v.55, n.1, p. 185-198, abri. 2016. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103132016000100185&nrm=iso. Acesso em: 26 mar.2021.

SILVA, Renato Caixeta da. O Professor de Línguas, o PNLD, o Livro Didático de Línguas e Outros Materiais Didáticos. **A Cor das Letras**. v. 18, n. 3, p. 138-153, set-dez 2017. Disponível em: <<http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasleytras/article/view/1788>>. Acesso em: 04 mar.2021.

SOUSA, J. B. **O livro didático de língua inglesa: percepções e implicações no exercício da docência**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista/ BA, 2015.

TILIO, R. O papel do livro didático no ensino de língua estrangeira. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. v.vii, p. 117-144, 2008. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/33/71>>. Acesso em: 04 abr.2021.

VIEIRA, Miliane Moreira Cardoso; SANTOS, Beatriz Lourdes da S; ARAÚJO, Ana Maria Souza; MONTEIRO, Jaiara M. A. Analisando aulas e produzindo reflexões sobre o ensino de língua inglesa no colégio estadual Jardim Paulista durante a residência pedagógica. **Revista Desafios**, v.7, n.Supl., p.120-122. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/8784>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

APÊNDICE A - ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO

Pesquisa: **A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E O USO DO LIVRO DIDÁTICO NA DISCIPLINA DE LÍNGUA INGLESA NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA VILA NOVA.**

Universidade Federal do Tocantins-UFT

1ª parte - Identificação do Professor:

Nome do professor (*facultativo):

Sexo:

Formação Acadêmica:

Instituição onde se formou:

Quanto tempo você tem de formado?

Quanto tempo demorou para ingressar na vida de professor após formatura?

Você leciona língua inglesa?

Qual a carga horária que você precisa cumprir na escola? (Em termos de horas ou turmas).

Quais disciplinas além da língua inglesa você leciona?

2ª parte - Sobre o livro didático:

A escola tem livro didático de Língua Inglesa?

Como o livro foi escolhido?

Vocês participaram da escolha do livro? Se não participaram da escolha, quem escolheu?

Qual a sua opinião sobre o livro didático?

Você tem o costume de usar o livro? Como usa?

O que você acha sobre os conteúdos mínimos e o livro didático?

Os professores têm autonomia no uso do livro? Ou simplesmente ignoram?

Como seria o uso ideal do livro didático nas aulas de LI?

APÊNDICE B –RESPOSTAS DO PRIMEIRO QUESTIONÁRIO

Data: 05 de maio de 2020.

Professor: Prof. Demetrius - Escola Estadual Vila Nova

Local: endereço eletrônico E-mail.

Instrumento para coleta dos dados: notebook e via e-mail.

Respostas conforme perguntas do roteiro do ANEXO A

Primeira etapa

(01) Pesq: É formado somente em Língua Inglesa ou possui dupla licenciatura?

(02) Prof 1: Sou formado em letras, mas habilitado para língua portuguesa e literatura. A residência pedagógica foi um desafio muito engrandecedor, devido a formação.

(03) Pesq: Onde se formou?

(04) Prof 1: Na Universidade Federal do Tocantins, campus de Araguaína –TO.

(05) Pesq: Quanto tempo você tem de formado?

(06) Prof 1: Tenho 4 anos de formação e de atuação na rede pública de ensino.

(07) Pesq: Quanto tempo demorou para ingressar na vida de professor após a formatura?

(08) Prof 1: Apenas 1 mês após a colação de grau.

(09) Pesq: Você leciona Língua Inglesa?

(10) Prof 1: Por dois anos foram apenas língua inglesa, ademais foi língua portuguesa e literatura, área de formação.

(11) Pesq: Qual a carga horária que você precisa cumprir na escola? Em termos de horas ou turmas.

(12) Prof 1: São 24H/A, a serem cumpridas em sala, e 16 horas de planejamento.

(13) Pesq: Quais disciplinas além da Língua Inglesa você leciona?

(14) Prof 1: Língua portuguesa, letramento e redação.

Segunda etapa

(15) Pesq: A escola tem livro didático de Língua Inglesa?

(16) Prof 1: A escola em que foi desenvolvido o programa de residência pedagógica em língua inglesa, só disponibilizava livros didáticos de língua inglesa para o ensino regular, no caso, os 6º e 8º anos do ensino fundamental II, no de educação de jovens e adultos-EJA, a escola não dispunha de livros didáticos.

(17) Pesq: Como o livro foi escolhido?

(18) Prof 1: O livro didático é apresentado aos professores por meio das editoras que a Seduc disponibiliza e há na unidade escolar o dia D, de escolha do livro didático, esse dia é uma forma de dizer que o professor participar da escolha, pois o professor não tem tempo para escolher um livro com as devidas avaliações necessárias e as demandas do currículo escolar, muitas vezes o livro que os professores escolhem é um e o que a Seduc compra é outro, totalmente fora do contexto escolar e dos regimentos do currículo.

(19) Pesq: Vocês participaram da escolha do livro? Se não participaram, quem escolheu?

(20) Prof 1: Eu particularmente não participei, porque ao chegar na unidade o livro já havia sido escolhido pela professora anterior, nesse caso seguir a normativa com o mesmo livro.

(21) Pesq: Qual a sua opinião sobre o livro didático?

(22) Prof 1: O livro é um suporte didático, geralmente os livros de língua inglesa são ótimos de serem trabalhados em salas de aula, o que dificulta é o professor, saber planejar uma aula de qualidade com o livro didático, eu, aprendi a planejar aula com eficiência com o programa de residência pedagógica, o que muitos professores não tiveram a oportunidade. Mas, os livros são bons, as vezes seguem fora do referencial do estado, mas o professor pode contornar e planejar suas aulas como quer e achar melhor.

(23) Pesq: Você tem o costume de usar o livro? Como usa?

(24) Prof 1: Em todas as aulas não, mas sempre que planejo de usar o livro, preparo antes e apresento o livro, convoco os alunos a trazerem o livro para o uso no dia x da aula.

(25) Pesq: O que você acha sobre os conteúdos mínimos e o livro didático?

(26) Prof 1: Na grande maioria dos casos, muito conciso, mas preciso, pois os elementos nos livros didáticos seguem uma sequência didática o que quebra o ritmo de velhas aulas de gramáticas e explicações de conceitos.

(27) Pesq: Os professores têm autonomia no uso do livro? Ou simplesmente ignoram?

(28) Prof 1: Cada professor tem sua autonomia para o uso ou não uso do livro didático.

APÊNDICE C - RESPOSTAS DO SEGUNDO QUESTIONÁRIO

Data: 05 de maio de 2020

Professora: Profa. Charlotte - Escola Estadual Vila Nova

Local: em casa via endereço eletrônico, via whatsapp.

Instrumento para coleta dos dados: notebook, whatsapp.

Respostas conforme perguntas do roteiro do ANEXO A

Primeira etapa

(01) **Pesq:** É formado somente em Língua Inglesa ou possui dupla licenciatura?

(02) **Prof. 2:** Letras/port. /Ing.

(03) **Pesq:** Onde você se formou?

(04) **Prof. 2:** UFT

(05) **Pesq:** Quanto tempo você tem de formado?

(06) **Prof. 2:** Creio que já tem 12anos.

(07) **Pesq:** Quanto tempo demorou para ingressar na vida de professor após formatura?

(08) **Prof. 2:** 1 ano

(09) **Pesq:** Você leciona Língua Inglesa?

(10) **Prof. 2:** Ensino port. /Ing.

(11) **Pesq:** Qual a carga horária que você precisa cumprir na escola? Em termos de horas ou turmas.

(12) **Prof. 2:** 40h

(13) **Pesq:** Quais disciplinas além da Língua Inglesa você leciona?

(14) **Prof. 2:** Port.

Segunda etapa

(15) **Pesq:** A escola tem livro didático de Língua Inglesa?

(16) **Prof. 2:** Sim

(17) **Pesq:** Como o livro foi escolhido?

(18) **Prof. 2:** Houve uma apresentação de alguns exemplares por parte do sistema, e que cada escola recebe para depois abrir uma pesquisa de escolha dos livros.

(19) **Pesq:** Vocês participaram da escolha do livro? Se não participaram, quem escolheu?

(20) **Prof. 2:** Sim, os professores participam de acordo com a Área.

(21) **Pesq:** Qual a sua opinião sobre o livro didático?

(22) **Prof. 2:** O livro se torna um objeto de estudo para complementar alguns conteúdos. Mas não substitui as práticas do conhecimento prévio do aluno.

(23) Pesq: Você tem o costume de usar o livro? Como usa?

(24) Prof. 2: As vezes, não abasteco os alunos com conteúdos congelados, eu sempre levo diversas dinâmicas com abordagens de alguns conteúdos existentes no mesmo... a aula fica mais produtiva.

(25) Pesq: Como seria o uso ideal do livro didático?

(26) Prof. 2: Na prática em sala de aula, o professor tem que adaptar outros métodos para que os recetores (alunos) possam compreender a linguagem e também o explícito dos conteúdos abordados no mesmo.

(27) Pesq: O que você acha sobre os conteúdos mínimos e o livro didático?

(28) Prof. 2: Para o professor desprogramado passa a ser somente mais um manual de complemento de atividades, mais não substitui outras práticas diversificadas fora do manual de ensino.

(29) Pesq: Os professores têm autonomia no uso do livro? Ou simplesmente ignoram?

(30) Prof. 2: A autonomia funciona de acordo com cada método de cada professor. Eu particularmente, uso e não ignoro.

ANEXO A**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Declaro, por meio deste termo, que concordei em responder as perguntas do questionário e participar da pesquisa referente ao projeto/pesquisa intitulada A Residência Pedagógica e o uso do livro didático na disciplina de língua inglesa no 6º ano do ensino fundamental na Escola Vila Nova, desenvolvida por Kaliny Alves Miranda Reis. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é sob a orientação da Professora Dra. Miliane Moreira Cardoso Vieira, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (xx) xxxx ou e-mail xxxxxxxxxxxxxx.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é analisar como o livro didático tem sido utilizado no ensino de língua inglesa, no 6º ano do ensino fundamental na Escola Estadual Vila Nova de Araguaína.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de aplicação de um questionário a ser respondido via endereço eletrônico email/whatsapp a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es).

Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Araguaína, ____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____